Agradecimentos

No final desta etapa académica quero deixar o meu agradecimento àqueles que me ajudaram a tornar este sonho realidade:

À Professora Doutora Ana Saldanha, minha orientadora, pela sua disponibilidade e total apoio na realização deste trabalho;

À Professora Doutora Ana Patrícia Almeida pelo seu constante incentivo, compreensão e apoio ao longo deste processo;

À Mestre Ana Cristina Freitas pela sua total disponibilidade, colaboração, e enorme incentivo nos momentos menos bons;

A todos os participantes neste estudo - alunos, professores, e coordenadora da escola - pela forma como me receberam e pela sua colaboração total;

À minha mãe, o maior exemplo que tenho como professora de 1. º Ciclo, pelo seu empenho como profissional;

Ao meu pai pelo incentivo constante em nunca desistir dos meus sonhos e de voltar a estudar;

À minha irmã pelo exemplo que é como Educadora de Infância;

Aos meus amigos Filipa, Joana, João, David e Sérgio pelo constante apoio e carinho sobretudo nesta fase da minha vida;

À Isa e Sandra Amorim pela amizade construída, partilhas e incentivos ao longo da nossa formação profissional no campo da educação.

Resumo

A escola portuguesa encontra-se em constante mudança e alberga uma grande diversidade de pessoas. Para conseguir dar resposta a esta diversidade e mudança as escolas e os professores têm de estar abertos a novas formas de ensinar. Para os professores nem sempre é fácil dar respostas adequadas pois a informação por vezes é escassa e os recursos reduzidos. A escola inclusiva traz maior responsabilidade, exige maior disponibilidade e acréscimo de trabalho.

A Diferenciação Pedagógica vem ajudar professores e alunos a responderem a esta vaga de mudança e diversidade do tecido escolar. Esta diferenciação é feita em contexto de sala de aula de diversas formas. Os professores recorrem a formas diferentes de trabalho com os seus alunos mantendo sempre o respeito pela individualidade. Os materiais preparados ajudam os alunos a aprender, muitas vezes, de forma lúdica e divertida. A arrumação e organização da sala de aula é pensada de acordo com os alunos que ela alberga. Os professores centram-se no estimular aprendizagens aos seus alunos, mas que essas aprendizagens saiam da esfera pedagógica e que toquem também as competências sociais, a autonomia, a socialização e a comunicação.

Os resultados encontrados mostram muitas das estratégias usadas pelos professores em contexto de sala de aula assim como as dificuldades que sentem na prossecução da Diferenciação Pedagógica.

Palavras chave: Diferenciação Pedagógica, Escola Inclusiva, Aprendizagens Múltiplas.

Abstract

Portuguese school is in a constant changing and has a wide variety of people. To be able to respond to this diversity and changes, schools and teachers have to be open minded to the new ways of teaching. For teachers it is not always easy to give suitable answers, because the information is sometimes rare and the resources are limited. To be inclusive, the school requires more responsibility, more availability and more work.

Pedagogical Differentiation helps teachers and students to give answer to this wave of change and to this school´s diversity, which is done inside the classrooms, in several ways. Teachers use different ways of working with their students while maintaining respect for their individuality. The prepared materials help students to learn often in a playful and funny way. The organization of the classroom is designed according to the students that it hosts. Teachers focus on stimulating learning to their students, but also that these learning leave the educational sphere and also touch social skills, autonomy, socialization and communication.

Found results show the range of strategies and the difficulties teachers feel in the classroom, in pursuit of Pedagogical Differentiation.

Keywords: Pedagogical Differentiation, Inclusive School, Multiple Learning.

Índice Geral

Índice Geral vii

Introdução 1

Capítulo 1 - Quadro de referência teórico 3

1.1. O ensino em Portugal - Enquadramento histórico e legal 3

1.2. A Teoria das Inteligências Múltiplas 5

1.3. A Escola Inclusiva e a Educação Especial 7

1.4. O conceito de Currículo 9

1.5. Diferenciação Pedagógica 11

Capítulo 2 - Problematização e metodologia 15

2.1. Problema e questões de investigação 15

2.2. Abordagem adotada 17

2.3. Design de estudo 19

2.4. Participantes 19

2.5 Recolha de dados: técnicas e instrumentos 21

2.5.1) Observação direta e naturalista 21

2.5.2) Observação indireta, através de entrevista semidiretiva 22

2.6. Procedimentos 23

2.6.1. Recolha de dados 23

2.6.2. Tratamento e análise de dados 24

2.6.2.1) Síntese das observações naturalistas 24

2.6.2.2) Análise de Conteúdo das Entrevistas 25

Capítulo 3 - Apresentação de resultados 29

Considerações Finais 31

Referências Bibliográficas 35

Anexos 37

Índice de Quadros

Quadro 1 - As sete inteligências, segundo Gardner

Quadro 2 - Síntese das Observações Naturalistas (5 a 8 de janeiro de 2015)

Quadro 3 - Síntese das Observações Naturalistas (23 a 26 de fevereiro de 2015)

Quadro 4 - Categorias prévias

Quadro 5 - Resultados da Análise de Conteúdo

Índice de Figuras

Figura 1 - Modelos adotados pela inclusão e pela integração
Figura 2 - O fluxo de ensino numa turma diferenciada
Figura 3 - Distribuição das idades das crianças

Índice de Anexos

Anexo 1 - Grelha de Observação Naturalista 5 Janeiro de 2015
Anexo 2 - Grelha de Observação Naturalista 6 Janeiro de 2015
Anexo 3 - Grelha de Observação Naturalista 7 Janeiro de 2015
Anexo 4 - Grelha de Observação Naturalista 8 Janeiro de 2015
Anexo 5 - Grelha de Observação Naturalista 23 Fevereiro de 2015
Anexo 6 - Grelha de Observação Naturalista 24 Fevereiro de 2015
Anexo 7 - Grelha de Observação Naturalista 25 Fevereiro de 2015
Anexo 8 - Grelha de Observação Naturalista 26 Fevereiro de 2015
Anexo 9 - Guião da Entrevista
Anexo 10 - Entrevista à Professora Cooperante
Anexo 11 - Entrevista à Professora da Educação Especial
Anexo 12 - Dicionário de Categorias

Introdução

A escola portuguesa atual é muito heterogénea. Crianças com diferentes origens culturais e sociais compõem o nosso tecido escolar. As escolas do interior do nosso país são diferentes das escolas do litoral, assim como as escolas do norte apresentam muitas diferenças em relação às escolas do sul. Cada realidade é muito específica e carece de análise própria de forma a serem oferecidas respostas mais adequadas. Esta é uma das maiores exigências que se colocam aos professores atualmente, estarem atentos à realidade que os rodeia e encontrar caminhos que ajudem todos os alunos a alcançar o sucesso. A escolaridade obrigatória alargada até ao 12.º ano, as retenções ou ausência delas levam a que muitos alunos se sintam desmotivados e que cheguem mesmo a desistir de estudar.

Com a escola inclusiva o nosso país junta no mesmo espaço físico crianças ditas normais com crianças com Necessidades Educativas Especiais. Nem sempre esta inclusão é feita de forma adequada e eficaz salvaguardando todos. Muitas das nossas crianças não estão sensibilizadas para acolher aqueles que são diferentes. Os professores não se sentem preparados para esta inclusão e, muitas vezes, não dispõem de recursos que lhes permite trabalhar de forma diferenciada.

Com a Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, e constante evolução no campo da Educação Especial, é possível concretizarmos a "Educação para Todos". A Declaração de Salamanca vem abrir muitas portas neste sentido pois todas as crianças devem ter igual acesso ao ensino e educação. A Diferenciação Pedagógica faz hoje parte do vocabulário de profissionais da educação, mas mais que isso faz parte das práticas pedagógicas da maioria dos professores e educadores. Não se pode querer ensinar todas as crianças da mesma forma, recorrendo às mesmas estratégias para todos. Cada criança é um ser irrepetível, com caraterísticas, gostos e limitações próprias a que devemos estar atentos. O nosso Ministério da Educação lança metas de aprendizagem para todos mas estas metas têm de ser adaptadas a cada uma das crianças. Se há crianças que apreendem todos os conteúdos de Português, Matemática ou Estudo do Meio, para outras o essencial é desenvolver aptidões como a leitura, escrita e cálculo. Para outras crianças a escola deve ajudar a criar maior autonomia, desenvolver a forma como comunica, e as sua competências sociais. Para que esta heterogeneidade seja possível o

professor tem esta competência nas suas mãos, a capacidade e a liberdade de adaptar o currículo aos seus alunos.

O presente estudo é constituído por quatro partes distintas. A primeira parte apresenta o quadro de referência teórico que serve de suporte ao estudo realizado. Aqui é feito um enquadramento histórico e legal do ensino em Portugal; é referenciada a teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner; são definidos os conceitos de escola inclusiva e educação especial; é especificado o conceito de currículo; e por último o conceito de diferenciação pedagógica, estratégias e suas implicações. Na segunda parte descreve-se a investigação realizada na qual constam: problema e questões de investigação; explicitação da abordagem usada; Design do Estudo; Caraterização dos participantes; técnicas e instrumentos de recolha de dados; Procedimentos de recolha de dados; e Tratamento e análise de dados. Na terceira parte são apresentados os resultados do estudo e a quarta parte diz respeito às considerações finais do trabalho.

O tema da Diferenciação Pedagógica provocava em mim muita curiosidade e, foi emergente nas primeiras observações que realizei na turma participante no estudo. A vontade de querer aprender mais mas, sobretudo, o querer munir-me de ferramentas úteis para a minha prática pedagógica futura levaram-me a desenvolver este presente estudo.

Capítulo 1 - Quadro de referência teórico

1.1. O ensino em Portugal - Enquadramento histórico e legal

O ensino em Portugal passou por várias e diferentes etapas tendo a Igreja tido muito peso no campo educacional. As primeiras escolas existentes no nosso país estavam ao cuidado de ordens religiosas, sobretudo dos Jesuítas. Este peso só veio a decrescer com a Implantação da República a 5 de outubro de 1910. É também com a República que o ensino em Portugal começa a sofrer mudanças estruturais que se vão perder com o Golpe de Estado de 1926 e consecutivamente com a Ditadura Militar. Durante toda a Ditadura Militar prevalece a trilogia da educação nacional: Deus, Pátria e Família. O ensino português sofreu algumas mudanças estruturais com a Revolução de 25 de abril e, consecutivamente, com a Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986 (Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, 2011).

No campo do que nós hoje denominamos de Educação Especial, apenas na segunda metade do Séc. XIX houve algum trabalho com a criação de asilos para cegos e surdos, de cariz privado. Até aqui as crianças com as mais diversas problemáticas eram mal vistas pela sociedade e eram mortas à nascença ou isoladas do resto do mundo. Só nos anos 60, do Séc. XX, é que existiu uma forte intervenção pública com a criação de centros de educação especial e centros de observação, assim como os primeiros programas de formação para professores nesta área. Na década seguinte foi criada a Divisão de Ensino Especial e os Serviços de Apoio às Dificuldades de Aprendizagem. Apenas em 1975/1976 é que foram criadas as equipas de Educação Especial integradas nas escolas regulares. Estas equipas são primeiro criadas para deficiências motoras e sensoriais e só mais tarde para deficiências mentais. Legalmente, as equipas de Educação Especial só são reconhecidas em 1988 (Educação C. N., 2015).

A Lei da Bases do Sistema Educativo assegura que todos sem exceção têm o direito à diferença e que são dadas às crianças com necessidades educativas específicas condições que permitam o seu desenvolvimento. O artigo 16.º diz-nos que *"Constituem modalidades especiais de educação escolar a educação especial (...) que se organiza preferencialmente segundo modelos diversificados de integração em estabelecimentos regulares de ensino, tendo como conta as necessidades de atendimento específico, e com apoios de educadores especializados"* (Educação M. d., Lei de Bases do Sistema

Educativo, 1986). A Educação Especial segundo o artigo 17.º *"visa a recuperação e integração sócio-educativas dos indivíduos com necessidades educativas específicas e deficiências físicas e mentais".* Para concretizar o trabalho no terreno a Lei de Bases do Sistema Educativo indica ainda a sua forma de organização, presente no artigo 18.º. alínea 1: *"A educação especial organiza-se preferencialmente segundo modelos diversificados de integração em estabelecimentos regulares de ensino, tendo como conta as necessidades de atendimento específico, e com apoios de educadores especializados."*

Em 1994 a UNESCO realizou, na cidade de Salamanca, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, reunindo representantes de 92 países e de 25 organizações internacionais. Reforça-se na Declaração de Salamanca, posteriormente redigida, *"o nosso compromisso em prol da Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e a urgência de garantir a educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educativas especiais"* (UNESCO, 1994, p. 1). A Declaração de Salamanca vem colocar por escrito, e como compromisso dos países e organizações presentes, que não existem crianças iguais na forma como se relacionam ou aprendem. Como tal, os sistemas de educação de cada país devem garantir que existe uma resposta para cada uma das crianças, nas realidades escolares onde se encontram inseridas. *"As crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades"* (UNESCO, 1994, p. 1).

Em 2005 foi feita uma segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo em relação à forma como se avaliam os alunos. Ficaram definidos neste Despacho Normativo n.º 50/2005 que *"(...) no âmbito da avaliação sumativa interna, princípios de actuação e normas orientadoras para a implementação, acompanhamento e avaliação dos planos de recuperação, de acompanhamento e de desenvolvimento como estratégia de intervenção com vista ao sucesso educativo dos alunos."*

No ano de 2008 é elaborado o Decreto-Lei 3/2008, de 7 de janeiro que inclui algumas alterações à legislação anterior no que diz respeito a apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos setores público, particular e cooperativo. "A educação especial tem por objectivos a inclusão educativa

e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida pós-escolar ou profissional" (Educação M. d., Decreto Lei 3/2008, de 7 de Janeiro, 2008). Este Decreto-Lei vem ainda indicar a forma como as escolas se devem organizar de forma a conseguirem dar resposta a todos os seus alunos e suas necessidades.

1.2. A Teoria das Inteligências Múltiplas

Gardner, em 1983, elaborou uma teoria segundo a qual existem em cada pessoa múltiplas e distintas formas de inteligência. *"Gardner considera a inteligência como semelhante ao talento; de facto, ele usa os dois termos indistintamente. Os talentos, diz Gardner, transformam-se em "competências" através do treino e da prática (...)"* (Papalia, Olds, & Feldman, 2001, p. 437). *Para este autor existem sete inteligências que se convertem depois em áreas de interesse, domínios e profissões em que se aplicam.*

Quadro 1 - As sete inteligências, segundo Gardner (Papalia, Olds, & Feldman, 2001)

Inteligência	Definição	Domínios e profissões em que se aplica
Linguística	Capacidade para usar e compreender palavras e nuances de significado.	Escrita, publicação, tradução
Lógico-matemática	Capacidade para operar com números e resolver problemas lógicos.	Ciência, gestão, medicina
Musical	Capacidade para perceber e criar padrões de altura do som e ritmo.	Composição musical, condução
Espacial	Capacidade para se orientar num contexto e avaliar relações entre objectos no espaço.	Arquitectura, carpintaria, planeamento urbano
Corporal-cinestésica	Capacidade para fazer movimentos com precisão.	Dança, desporto, cirurgia
Interpessoal	Capacidade para compreender e comunicar com outros.	Ensino, artes dramáticas, política
Intrapessoal	Capacidade para se compreender a si mesmo.	Aconselhamento, psiquiatria, orientação espiritual

O mesmo autor refere ainda, com esta teoria das inteligências múltiplas, que todos os indivíduos têm em si estas sete inteligências. Contudo, umas estão mais desenvolvidas que outras e, por isso, cada pessoa tem maior aptidão em umas áreas em detrimento de outras.

"Em vez de comparar indivíduos, a avaliação, baseada numa observação extensiva, poderia ser usada para revelar áreas fortes e fracas, com o objectivo de orientar o desenvolvimento" (Papalia, Olds, & Feldman, 2001, p. 437). O professor tem assim um papel preponderante na aprendizagem dos seus alunos pois dará as ferramentas adequadas de forma a estimular as diferentes inteligências. O seu objetivo não é mais do que tornar os alunos aptos a resolverem questões práticas do seu dia a dia (Antunes, 2005).

1.3. A Escola Inclusiva e a Educação Especial

A escola atual é uma escola que acolhe todo o tipo de alunos independentemente da sua origem, das suas necessidades e problemáticas. A escola da atualidade é, por isso, uma escola cada vez mais inclusiva. A Educação Inclusiva é cada vez mais vista *"como um modelo educacional que promove a educação conjunta de todos os alunos independentemente das suas capacidades ou estatuto sócio-económico. A Educação Inclusiva tem por objetivo alterar as práticas tradicionais, removendo as barreiras à aprendizagem e valorizando as diferenças dos alunos"* (Rodrigues, 2007, p. 14).

Este conceito de Escola Inclusiva está fortemente associado ao de Educação Especial uma vez que as crianças com necessidades variadas e específicas são incluídas e integradas nas escolas de ensino formal.

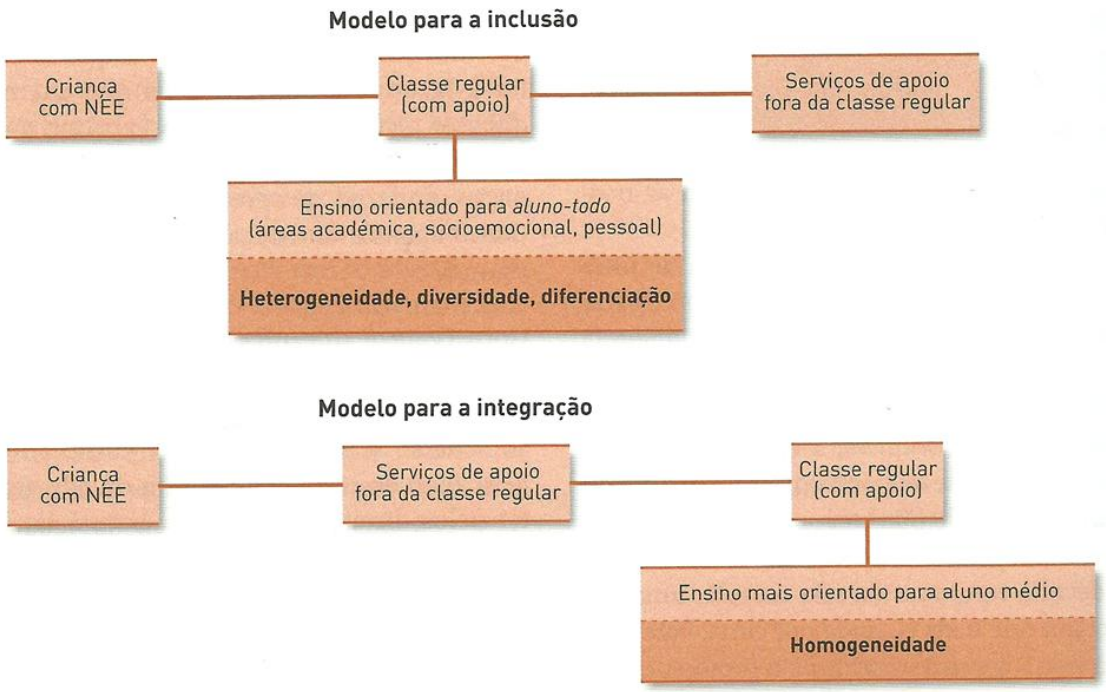


Figura 1 - Modelos adoptados pela inclusão e pela integração **(Correia, 2013)**.

Segundo o esquema anterior, fazendo a inclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares o aluno é visto como um todo e trabalhado em várias áreas. Desta forma, cada aluno não se dilui no grupo/turma onde está inserido. Cada turma apresenta uma heterogeneidade e diversidade de alunos para os quais é preciso diferenciar o trabalho e as estratégias de aprendizagem. Existindo ainda assim

espaço para apoios fora da classe regular. Já o modelo para a integração ao concretizar sobretudo o apoio, aos alunos com Necessidades Educativas Especiais, fora da sala de aula mas também um apoio a toda a classe regular leva-nos à Homogeneidade e tentativa de nivelar todos os alunos no mesmo patamar de aprendizagem (Correia, 2013).

"A educação especial e a inclusão constituem-se, assim, como duas faces de uma mesma moeda, ambas caminhando lado a lado para não só assegurarem os direitos fundamentais dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, mas também para lhes facilitarem as aprendizagens que um dia as conduzirão a uma inserção social, harmoniosa, produtiva e independente" (Correia, 2013, p. 19). A inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais nas escolas de ensino formal traz um número enorme de desafios a professores, alunos, pais e toda a comunidade educativa. Não se trata apenas de integrar o aluno na escola regular mas, permitir-lhe estar integrado numa turma regular e ter ao seu dispor os serviços necessários ao seu desenvolvimento, e adequados às suas caraterísticas e necessidades (Correia, 2013).

"Hoje em dia, face à filosofia inclusiva, os educadores e professores, ao pretenderem responder às necessidades de todos os seus alunos, vêem-se confrontados com enormes desafios. Um dos maiores terá a ver com a introdução dos novos currículos, que se pretende o mais explícita e diferenciada possível. Se assim não for, muitos alunos nunca conseguirão atingir os objectivos propostos, aumentando, sem dúvida, os seus níveis de frustração e de insucesso" (Correia, 2013, p. 121). Para que esta inclusão seja feita de forma eficaz os professores, segundo Mastropieri e Scruggs (2013), devem considerar alguns fatores como a localização do aluno na sala de aula; ter cuidado quando apresenta informação nova (estrutura, clarificação, redundância, entusiasmo, ritmo apropriado e envolvimento máximo); utilizar experiências multissensoriais; quando necessário fazer adaptações nas tarefas de leitura; programar a aula de forma a haver mais intervalos; organizar as tarefas de modo a utilizar diversos métodos de ensino; e providenciar um número maior de explicações para os alunos com Necessidades Educativas Especiais. *"As estratégias de ensino, quando adequadas às necessidades dos alunos, conduzem ao sucesso da inclusão"* (Correia, 2013, p. 125).

1.4. O conceito de Currículo

"Quando comecei a ensinar, recebi do director da escola onde fui colocada um horário, a indicação do livro que deveria usar nas aulas, um mapa para marcação dos testes, a data das reuniões de notas (era assim que designávamos), o nome das colegas de grupo e ainda algumas recomendações paternais atendendo à minha pouca idade e manifesta inexperiência no ofício. Estava entregue o currículo - e estava encomendada a professora...que ainda nem sabia que o era..." (Roldão, 1999, p. 11).

A palavra currículo deriva do latim *currere* que tem o significado de caminho, jornada, trajetória ou percurso a seguir, expressões que nos dão a indicação de sequência e percurso organizado. O currículo pode ser definido como formal quando nos referimos ao conjunto de conteúdos que um professor deve lecionar, organizados por disciplinas ou áreas de estudo. O currículo pode ainda ser informal quando nos referimos ao conjunto de experiências que os alunos vivem sem ter necessariamente uma estrutura definida (Pacheco, 2007).

O termo currículo tem sofrido muitas alterações ao longo dos tempos. Contudo, continua a ser uma palavra com vários significados. *"(...) o currículo, apesar das diferentes perspectivas e dos diversos dualismos define-se como um projecto, cujo processo de construção e desenvolvimento é interactivo, que implica unidade, continuidade e interdependência entre o que se decide ao nível do plano normativo, ou oficial, e ao nível do plano real, ou do processo de ensino-aprendizagem. Mais ainda, o currículo é uma prática pedagógica que resulta da interacção e confluência de várias estruturas (políticas, administrativas, económicas, culturais, sociais, escolares...) na base das quais existem interesses concretos e responsabilidades compartilhadas"* (Pacheco, 2007, p. 20).

Roldão (1999) diz-nos que o currículo escolar é o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo e contexto, cabe à escola garantir e organizar. Este currículo começa, contudo a conceber o currículo como uma forma estática, definida, nos seus conteúdos, organização e modelos de trabalho, a partir de um único padrão, centralmente definido. Esta autora refere ainda que qualquer currículo requer a existência de programas e programação, ou seja, definição e previsão de campos de desenvolvimento, linhas de organização e métodos de aprendizagem.

"Gerir o currículo pressupõe diferenciar a vários níveis:

- diferenciar as opções de cada escola para responder melhor ao seu público;

- diferenciar os projectos curriculares das turmas ou grupos de alunos para melhorar a aprendizagem;

- diferenciar os modos de ensinar e organizar o trabalho dos alunos para garantir a aprendizagem bem-sucedida de cada um" (Roldão, 1999, p. 52).

De acordo com Correia (2013) a intervenção dos professores é sempre balizada pelas tradições curriculares de cada país. Todavia, a adaptação do currículo às necessidades dos alunos é uma competência normal do professor. Assim, Hegarty citado por Correia (2013) propõe uma classificação de currículo para alunos com Necessidades Educativas Especiais utilizado nos Estados Unidos da América. O currículo é um só mas adaptado para chegar a alunos com dificuldades muito diferentes: currículo regular com ou sem apoio; currículo regular com algumas modificações; currículo regular com reduções significantes; currículo especial com acrescentos; e currículo especial. O currículo regular com ou sem apoio acontece dentro do horário normal da turma recorrendo-se esporadicamente a pequenos apoios ou ajustamentos no que diz respeito a materiais, formas de comunicar os conteúdos e estratégias para descodificação de textos. O currículo regular com algumas modificações é no essencial o currículo regular mas com objetivos mais apropriados aos alunos e às suas necessidades. O currículo regular com reduções significativas é um currículo que pode sofrer alterações ao nível das disciplinas organizando-se em torno de "aptidões básicas" como leitura, escrita ou cálculo. O currículo especial com acrescentos consiste na elaboração de um Programa Educativo Individualizado para cada aluno. Para além da inserção social que é feita aos alunos há dois grandes centros de trabalho: a linguagem e o cálculo. Por último, o currículo especial que integra uma variedade de currículos mas que apresentam como objetivo fulcral desenvolver a autonomia, socialização e comunicação oral das crianças.

1.5. Diferenciação Pedagógica

Segundo Resendes & Soares (2002) o conceito de Diferenciação Pedagógica surge no contexto de "Educação para Todos" em que se pretende terminar com a escola excludente. O nosso país apresenta como medidas orientadoras para tal a Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986 que reconhece a cada cidadão uma educação básica para todos numa escola para todos; o Acordo de Jomtien de 1990 que propõe-se garantir uma educação básica para todos numa escola para todos; e a Declaração de Salamanca de 1994 que reconhece que cada criança possui caraterísticas, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem próprias a que a escola deve corresponder de maneira inclusiva.

Desta forma, as escolas regulares devem incluir todas as crianças no seu espaço *"crianças com deficiências ou sobredotadas, crianças de rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nómadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de área ou grupos desfavorecidos ou marginais"* (Resendes & Soares, 2002, p. 17).

A escola sempre acolheu alunos com variadas diferenças contudo a resolução desses problemas sempre foi concretizada de uma forma não inclusiva mas sim de uma forma que acentuava ainda mais as diferenças, chegando a ser discriminatória. A diferenciação pedagógica permite identificar as capacidades de todos os alunos e responder de forma mais adequada a cada um deles. Assim, numa mesma sala de aula os alunos não estudam todos o mesmo nem no mesmo ritmo, nem usando as mesmas estratégias. Os alunos vão mostrar melhores resultados quando o professor analisa cada um e toma as suas caraterísticas como ponto de partida para escolher as melhores formas de ensinar. Quando o professor respeita a individualidade de cada aluno a aprendizagem é feita de uma forma mais eficaz (Resendes & Soares, 2002). Para Niza, citado por Resendes & Soares (2002), a diferenciação pedagógica é um direito a que o aluno deverá ter acesso, é uma questão dos Direitos da Criança.

Muitos professores ainda acreditam que diferenciar se resume apenas a ajustar a quantidade de trabalho que é dado a um aluno. *"Nenhum docente está preparado psicologicamente e didacticamente para a inclusão. Mesmo quando está, isso acrescenta um acréscimo de trabalho centrado nos alunos incluídos e no seu ambiente"* (Perrenoud, 2010, p. 15). Na realidade, *"uma diferenciação bem sucedida será,*

geralmente, planeada de forma pró-activa pelo professor com o objectivo de ser suficientemente sólida para abordar diferentes necessidades, em vez de resultar numa abordagem única para todos e numa tentativa de ajustar os planos sempre que se tornar óbvio que as aulas não estão a resultar para alguns dos alunos para quem foram planeados" (Tomlinson, 2008, p. 17). Durante a sua formação os professores constroem as bases necessárias que lhes permitam dar resposta aos alunos e problemáticas com as quais se vão deparar. Contudo, só em contato com a realidade pedagógica é que o professor adquire as ferramentas adequadas e necessárias que complementa a sua formação de base. Segundo Tomlinson (2008), os professores que aproveitam todas as oportunidades para conhecerem melhor os seus alunos, retiram daí toda a informação possível para os ajudar a tirar o máximo proveito do seu potencial. Estas oportunidades podem ser debates na sala de aula, o trabalho que cada um executa, a observação e a avaliação formal.

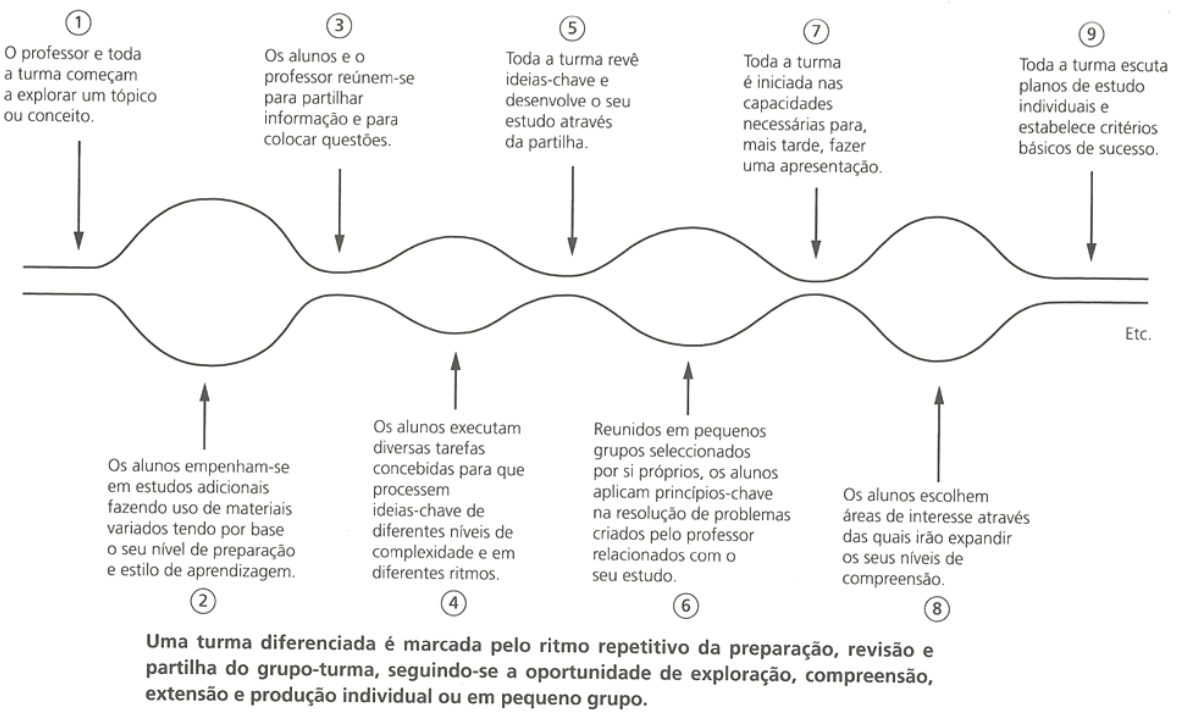


Figura 2 - O fluxo de ensino numa turma diferenciada **(Tomlinson, 2008)**.

Segundo Tomlinson (2008) o fluxo de ensino numa turma diferenciada pode ser representada por imagens espelhadas de uma linha ondulada (Figura 2). Os alunos iniciam um trabalho de forma coesa mas, saem depois em busca de mais informação em

pequenos grupos ou individualmente. No final dessa pesquisa encontram-se todos novamente em grande grupo e fazem a planificação de novas pesquisas. Será interessante que todos os professores observem os seus alunos segundo dois prismas: observar os alunos que progridem na sua aprendizagem e observar os alunos que se deparam com dificuldades. Sem o fazer desta forma o professor não estará a incluir todos os seus alunos nem a realizar trabalho diferenciado em contexto de sala de aula.

"O ensino diferenciado exige que o professor perceba que as salas de aula deverão ser locais privilegiados de ensino e de aprendizagem e que nenhum prática é boa a não ser que funcione a nível individual. (...I) O ensino diferenciado não sugere que um professor possa ser tudo para os alunos a tempo inteiro. No entanto, exige que o professor crie um número razoável de diferentes abordagens educativas para que a maior parte dos alunos consiga encontrar o que mais lhe convém" (Tomlinson, 2008, p. 35). O ensino diferenciado é exigente para com os professores pois exige a utilização de formas diferentes de chegar à aprendizagem, exige ao professor que se centre nos pontos fortes dos alunos com dificuldades, exige que não deixe que o que não funciona se sobreponha ao que funciona, exige que a fasquia seja elevada, e que escolha um tipo de aprendizagem abrangente (Tomlinson, 2008).

"A diferenciação não pode nem deve tender para um ensino inteiramente individualizado. Deve-se individualizar os percursos de formação, os caminhos seguidos pelos alunos. Após individualizar o percurso, o objectivo é garantir que cada aluno faça o máximo de progressos em direcção aos objectivos pretendidos" (Perrenoud, 2010).

Tomlinson (2008) indica-nos 17 estratégias-chave que o professor pode utilizar para responder com êxito ao desafio de conceber e gerir ensino diferenciado para os seus alunos:

1. Manter uma argumentação sólida no que diz respeito ao ensino diferenciado com base em níveis de preparação, interesse e perfil de aprendizagem dos alunos;

2. Introduzir o ensino diferenciado na sala de aula a um ritmo que seja confortável;

3. Realizar atividades diferenciadas por tempo para promover o sucesso dos alunos;

4. Usar uma "atividade-âncora" para libertar e concentrar a atenção nos alunos;

5. Criar e transmitir indicações com um certo cuidado;

6. Designar alunos para grupos ou lugares de forma não abrupta;

7. Criar uma "base" para os alunos;

8. Certificar-se de que os alunos têm um plano para pedir ajuda enquanto estiver ocupado com outro aluno ou grupo;

9. Minimizar o barulho;

10. Fazer uma planificação para a entrega de trabalhos por parte dos alunos;

11. Ensinar os alunos a rearranjar o mobiliário da sala;

12. Minimizar qualquer movimento "desgarrado";

13. Promover a permanência na tarefa;

14. Ter à mão uma planificação para "alunos que terminam tarefas muito rapidamente";

15. Elaborar uma planificação para o caso de querer "pedir uma paragem";

16. Atribuir aos alunos o máximo de responsabilidade possível pela sua própria aprendizagem;

17. Fazer com que os alunos falem acerca dos procedimentos na sala de aula e processos de grupo.

Segundo a mesma autora existem algumas estratégias de ensino e de gestão de turmas diferenciadas e com diferentes níveis de capacidades: a compactação; os projetos interdependentes; centros de interesse ou grupos de interesse; tarefas por etapas; agrupamento flexível; centros de aprendizagem; perguntas variadas; mentores; e contratos. A compactação é uma estratégia realizada em três etapas. Em primeiro lugar o professor avalia o aluno percebendo o que ele já conhece e o que ele desconhece sobre determinado assunto. Depois, o professor planifica de acordo com aquilo que o aluno ainda não sabe. Por fim, transforma o tempo poupado em estudos enriquecidos ou acelerados. Os projetos interdependentes são uma forma de professor e aluno trabalharem em conjunto. Ambos identificam os problemas e tópicos de interesse para o aluno e, a partir daí, planificam uma forma de atingir esses conhecimentos. Os centros de interesse ou grupos de interesse são uma forma de os alunos trabalharem de forma integrada várias áreas temáticas do seu interesse. As tarefas por etapas são uma forma de o professor recorrer a diferentes atividades de diversos níveis para garantir que todos os alunos exploram os seus conhecimentos e adquirem novos conhecimentos. No

agrupamento flexível os alunos fazem parte de variados grupos e podem até trabalhar isoladamente de acordo com o seu nível de preparação. Os centros de aprendizagem são conjuntos de materiais que os alunos usam para explorar variados tópicos. As perguntas variadas são um método utilizado em contexto de sala de aula sobretudo com debates ou testes escritos. Os mentores são uma forma de colocar ao serviço todos os intervenientes da comunidade escolar. Este mentor pode ser o professor do ensino especial, pode ser um aluno mais velho, um pai voluntário que ajuda o aluno a orientar um determinado conhecimento. Os contratos são formas de fazer com que o aluno assuma alguma responsabilidade pela sua aprendizagem, e são realizados entre professor e aluno.

Capítulo 2 - Problematização e metodologia

2.1. Problema e questões de investigação

A escola atual apresenta uma enorme heterogeneidade no que diz respeito aos alunos que a frequentam. Alunos com variadas origens culturais, de meios sociais diversificados, e com caraterísticas muito diferentes formam o tecido escolar. A escola não pode, nem deve, trabalhar da mesma forma com todos os seus alunos. Os professores têm a missão de ensinar devendo acolher todos de igual forma, e adequando o ensino-aprendizagem às caraterísticas específicas de cada aluno - Ensino Diferenciado. Contudo, nem sempre é fácil os professores colocarem em prática o Ensino Diferenciado, muitas vezes por falta de condições, outras por dificuldades em encontrar caminhos que consigam dar resposta a todos os alunos.

Assim, o presente estudo foi norteado pelo seguinte problema de investigação: *De que forma os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico fazem a integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais em turmas regulares?*

Na sequência desta questão principal, delinearam-se as seguintes questões específicas:

1) Quais as representações sobre a problemática da Diferenciação Pedagógica, e condições necessárias para a sua adequada implementação, por parte de professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico?

2) Que estratégias usam professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, em contexto de sala de aula, para integrar os seus alunos?

3) Quais as representações de professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico quanto às condições necessárias à diferenciação pedagógica?

2.2. Abordagem adotada

Para responder às questões colocadas, considerou-se que uma abordagem qualitativa seria a mais indicada para compreender e caraterizar as experiências, práticas e opiniões de docentes sobre a temática da Diferenciação Pedagógica, vivenciando simultaneamente os respetivos contextos e dinâmicas de trabalho.

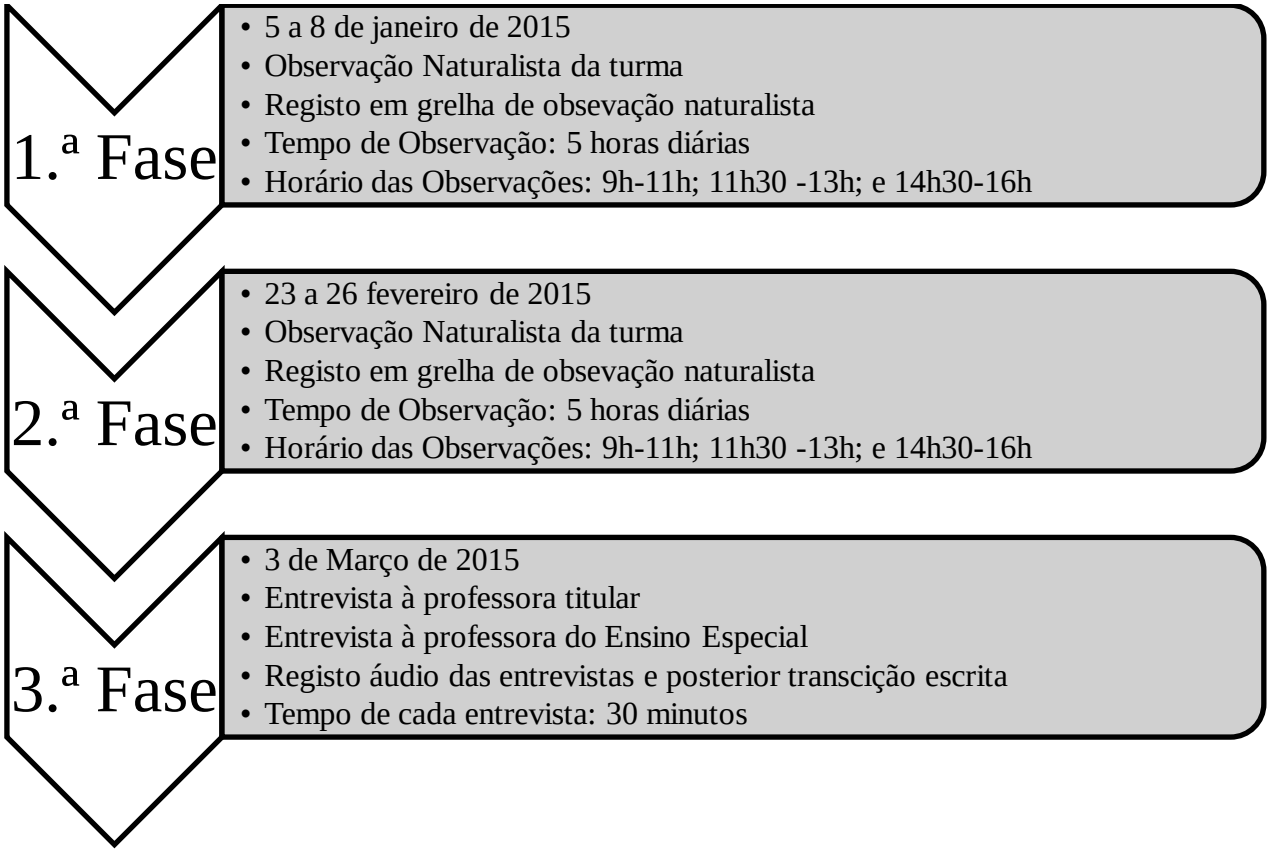
Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa surgiu no final do Séc. XIX e início do Séc. XX, atingindo o seu auge nas décadas de 1960 e 1970 devido a novos estudos realizados e sua divulgação. A investigação qualitativa compreende diversas estratégias de investigação que apresentam caraterísticas comuns. Os dados recolhidos são denominados de qualitativos uma vez que dizem respeito a pessoas, locais e conversas que dificilmente se conseguiriam tratar quantitativamente. Para estes autores este tipo de investigação centra-se nos comportamentos observados segundo a perspetiva dos investigadores. Os investigadores recolhem os dados através de contato aprofundado com os indivíduos que observam no seu contexto original. *"A investigação qualitativa é particularmente importante para o estudo das relações sociais, dada a pluralidade dos universos de vida"*(Flick, 2005, p. 2).

Para Bogdan e Biklen a investigação qualitativa apresenta cinco caraterísticas principais: a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados, ou seja, o investigador tenta sempre deslocar-se ao local de estudo uma vez que este influencia os comportamentos humanos; os dados que o investigador recolhe são essencialmente de caráter descritivo, isto é, os dados que o investigador recolhe não são numéricos sendo por isso muito minuciosos e pormenorizados; os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; a análise dos dados é feita de forma indutiva; e o significado é de importância vital na abordagem qualitativa uma vez que para o investigador é muito importante perceber aquilo que os investigados experimentam e como analisam as suas experiências.

Nos estudos qualitativos, e ainda segundo Bogdan e Biklen, é necessário não esquecer as questões de ética. O investigador deve sempre proteger os intervenientes no seu estudo não lhes causando nenhum dano ou prejuízo, e ainda manter as informações que recolhe só para si não revelando esses dados de forma pessoal ou política. Quando pede autorização e cooperação para realizar um estudo o investigador deve ser

respeitoso e não mentir acerca dos objetivos que pretende estudar. Quando redige os resultados do seu estudo o investigador deve ser o mais autêntico possível. Por conseguinte, no estudo que apresentamos recorremos a um estudo do tipo qualitativo do género descritivo, ou seja, relatamos de forma "natural" tudo o que observámos (Observação Naturalista) e registámos (Entrevista).

2.3. Design de estudo



2.4. Participantes

O estudo em curso apresenta como participantes uma turma de 1.º Ciclo de uma escola pública do concelho de Lisboa. A turma é composta por vinte alunos, quinze alunos frequentam o 4.º ano de escolaridade e cinco alunos frequentam o 3.º ano de escolaridade. Nesta turma existem quatro alunos com Necessidades Educativas Especiais sendo que dois deles apresentam défice cognitivo, e os outros dois dislexia. A turma é, segundo a professora titular, abaixo da média sendo muitos dos alunos repetentes e com idades superiores a dez anos.

Para além da turma apresentada participaram ainda neste estudo a professora titular desta turma, licenciada como Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico e com pós-graduação em Educação Especial, e com dezassete anos de experiência profissional. Participa ainda neste estudo a professora do Ensino Especial que trabalha com as

crianças com Necessidades Educativas Especiais desta turma. Esta professora é licenciada como Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico e Mestre em Educação Especial, e conta com trinta e três anos de experiência profissional.

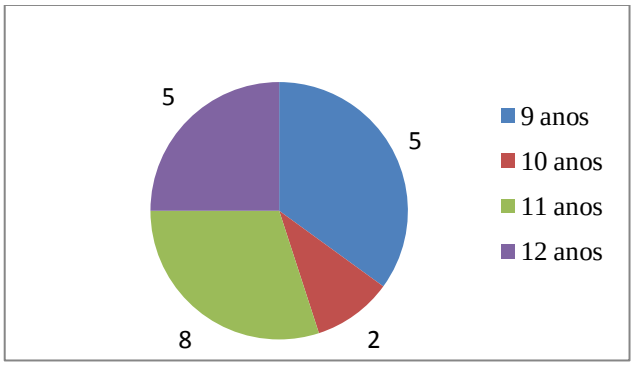


Figura 3 - Distribuição das idades das crianças

2.5 Recolha de dados: técnicas e instrumentos

2.5.1) Observação direta e naturalista

Para a recolha de dados foi usada a observação direta, em particular a observação naturalista com recurso à grelha proposta por Estrela (2008; ver *Grelhas de Observação Naturalista*, anexo 1).

"A observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação" (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 164). Segundo estes autores o investigador regista os comportamentos no momento, sem ter intermediários que o façam, e estando inserido no contexto em que este ocorre. Quando o investigador faz observação direta o seu campo de observação é muito amplo sendo a informação recolhida ajustada aos objetivos e hipóteses formuladas. A observação direta apresenta ainda a vantagem de a informação recolhida ser autêntica pois a expressão corporal revela muito mesmo que o verbal indique o contrário.

Este tipo de observação apresenta também limitações pois o observador pode não ser bem recebido e aceite pelo grupo que irá ser estudado. Muitas vezes torna-se difícil para o investigador registar todos os comportamentos no momento em que os observa. O que acontece é o investigador só conseguir registar os comportamentos que observou depois de sair da realidade observada, podendo perder alguma informação. Ainda segundo estes autores, a observação tem como suporte um instrumento ou guia de observação que permite fazer o registo direto da informação.

"A observação naturalista é, em síntese, uma forma de observação sistematizada, realizada em meio natural e utilizada desde o Séc. XIX na descrição e quantificação de comportamentos do homem e de outros animais" (Estrela, 2008, p. 45). Segundo o autor, a observação naturalista é uma observação seletiva uma vez que o investigador acumula dados que posteriormente analisa de forma rigorosa, e é ainda uma observação que se preocupa com a precisão da situação, ou seja, preocupação em analisar não só o que acontece mas em que contexto acontece.

A observação do tipo naturalista permite não só registar o que acontece na íntegra, como também permite ao observador registar inferências do que vai acontecendo na realidade que é observada. Paralelamente a esta observação, e como

forma de complementar a informação recolhida, será usado o método da entrevista. Segundo Quivy e Campenhoudt (2003) a observação do tipo naturalista e a entrevista são métodos que se complementam, e que permitem um trabalho de investigação aprofundado e com um grau de validade satisfatório.

2.5.2) Observação indireta, através de entrevista semidiretiva

Foi ainda usada a observação indireta neste estudo recorrendo à entrevista. *"No caso da observação indirecta, o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção da informação. Esta não é recolhida directamente, sendo, portanto, menos objectiva. (...) Na observação indirecta, o instrumento de observação é um questionário ou um guião de entrevista"* (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 164). Para Bogdan e Biklen uma entrevista não é mais do que uma conversa intencional que acontece entre duas ou mais pessoas, dirigida por uma dessas pessoas e com o objetivo de recolher informações. A recolha de dados é a estratégia dominante das entrevistas permitindo recolher dados descritivos que surgem na linguagem do próprio sujeito.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2003), a Entrevista permite recolher elementos de análise num grau muito profundo, assim como permite recolher testemunhos e interpretações dos interlocutores de forma flexível. Todavia, ao ser flexível, a entrevista pode intimidar os entrevistados ou levar a que eles pensem que se trata apenas de uma conversa informal. Contudo, a entrevista pode intimidar aqueles que não conseguem trabalhar de forma flexível e que necessitam de precisão, e pode mesmo levar a pensar que não é necessária qualquer preparação ou formação e que se trata apenas de fazer perguntas.

A Entrevista semidiretiva foi o tipo de entrevista usada neste estudo. A entrevista semidiretiva não é totalmente aberta nem contém perguntas muito diretas. O investigador deixa que o entrevistado responda às questões de forma livre e com o seu discurso caraterístico. Sempre que o entrevistado se afastar dos objetivos da entrevista o investigador lança questões, ou pistas, que o encaminhem novamente para os objetivos propostos.

Quivy e Campenhoudt (2003) referem ainda que no campo de investigação social o método da entrevista surge sempre associado ao método de análise de conteúdo.

O entrevistador deve, durante as entrevistas, retirar o máximo de elementos e informação possível para que a análise seja completa, explícita e estável. Também nesta investigação será usado o método de análise de conteúdo para as entrevistas aplicadas às professoras de 1.º Ciclo participantes neste estudo.

A análise de conteúdo *"aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens. (...) As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três pólos cronológicos: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, a inferência, e a interpretação"* (Bardin, Análise de Conteúdo, 2001, p. 38). Para esta autora, a fase de pré-análise é o momento de organização propriamente dito, ou seja, é neste momento que o investigador torna operacionais e sistematiza as ideias principais da sua análise. Posteriormente, a fase de exploração do material consiste em codificar, decompor ou enumerar a informação recolhida. Na fase de tratamento de dados o investigador pega nos resultados em bruto e torna-os significativos e válidos. Os resultados obtidos podem ser ainda submetidos a testes de validação de forma a obterem mais rigor científico.

2.6. Procedimentos

2.6.1. Recolha de dados

Numa primeira fase - de 5 a 8 de janeiro de 2015 - os dados foram recolhidos através da observação naturalista em contexto de sala de aula. As observações foram realizadas nos períodos seguintes: 9h-11h; 11h30-13h; e 14h30-16h e registadas em grelhas de observação naturalista, posteriormente sintetizadas (ver Quadro 2).

Numa segunda fase - 23 a 26 de fevereiro - os dados recolhidos foram feitos também através de observação naturalista em contexto de sala de aula. As observações foram realizadas nos períodos seguintes: 9h-11h; 11h30-13h; e 14h30-16h e registadas em grelhas de observação naturalista, posteriormente sintetizadas em quadros (ver Quadro 3).

A terceira fase de recolha de dados - 3 março - diz respeito às entrevistas aplicadas às professoras participantes neste estudo. Foi pedido, de forma verbal, à professora titular da turma e à professora do ensino especial que contribuíssem para este estudo através da técnica de entrevista. Ambas aceitaram participar neste estudo

mantendo o seu anonimato e também o da turma observada. As entrevistas foram registadas em áudio, após a autorização das entrevistadas, e posteriormente transcritas para suporte papel. Estas entrevistas tiveram a duração de 30 minutos cada uma delas. (ver *Design de Estudo*).

2.6.2. Tratamento e análise de dados

2.6.2.1) Síntese das observações naturalistas

Quadro 2 - Síntese das Observações Naturalistas (1.ª Fase - 5 a 8 de janeiro de 2015)

Número de elementos da turma	20
Idades dos elementos da turma	9 anos - 5 alunos 10 anos - 2 alunos 11 anos - 8 alunos 12 anos - 5 alunos Treze alunos são repetentes = 65% dos alunos da turma
Género dos elementos da turma	Rapazes - 10 alunos Raparigas - 10 alunas
Anos de Escolaridade	3.º ano - 5 alunos 4.º ano - 15 alunos Turma abaixo da média
Horário	9h - Entrada 11h às 11h30 - Recreio 13h às 14h30 - Almoço 16h - Saída
Carga horário	Português - 8 horas por semana Matemática - 8 horas por semana Estudo do Meio - 3 horas por semana Expressões Artísticas - 2 horas por semana Expressões Físico-Motoras - 1 hora por semana Oferta Complementar - 1 hora por semana Apoio ao Estudo - 2 horas por semana
Necessidades Educativas Especiais	2 Alunos com défice cognitivo 2 Alunos com Dislexia
Organização da sala de aula	Uma fila de mesas com alunos do 3.º ano Duas filas de mesas com alunos do 4.º ano
Materiais disponíveis	Cartazes afixados nas paredes Biblioteca de sala Projetor Computador Acesso à internet
Estratégias em contexto de sala de aula	Trabalho individualizado Trabalho em pequeno grupo Trabalho em grande grupo Apoio individualizado
Ensino Especial	4 horas semanais Apoio dentro de sala de aula - 2 horas semanais Apoio fora de sala de aula - 2 horas semanais Apoio em pequeno grupo - Fora da sala de aula Apoio individualizado - Dentro da sala de aula

Quadro 3 - Síntese das Observações Naturalistas (1.ª Fase - 23 a 26 de fevereiro de 2015)

Estratégias em contexto de sala de aula	Trabalho individualizado Trabalho em pequeno grupo Trabalho em grande grupo Mistura de alunos com diferentes níveis nos trabalhos a pares/pequeno grupo Estimular alunos através do elogio Pesquisas individuais Transmissão de indicações feita de forma cuidada Dar indicações aos alunos de forma não abrupta Cada aluno tem um colega como ponto de referência/ajuda quando o professor se encontra ocupado com outro aluno ou grupo Minimização do ruído Promoção de permanência numa tarefa Planificação para os alunos que se mostram mais rápidos na concretização de tarefas Projetos em pequeno grupo (na área do Estudo do Meio)
Materiais	Cartazes visíveis Fichas de avaliação diferenciadas Pesquisas individuais afixadas nas paredes da sala
Ensino Especial	Poucos recursos para a prossecução do trabalho Redução do horário de apoio para 2 horas semanais Apoio fora de sala de aula - 2 horas semanais Apoio em pequeno grupo - Fora da sala de aula

2.6.2.2) Análise de Conteúdo das Entrevistas

As entrevistas realizadas foram transcritas na íntegra, formando o *corpus* de análise, e sujeitas a análise de conteúdo de acordo com um procedimento misto: partimos de categorias pré-definidas, alinhadas com os objetivos do estudo, mas permitindo a emergência de novas categorias ou subcategorias. No próximo quadro (Quadro 4) apresentam-se e definem-se as categorias definidas a priori.

Quadro 4 - Categorias prévias

Estratégias de diferenciação pedagógica - diz respeito técnicas, procedimentos e/ou instrumentos usados pelos entrevistados, em contexto de sala de sala, para concretizar práticas pedagógicas diferenciadas;
Caracterização dos entrevistados - inclui duas subcategorias respeitantes a elementos de natureza académica e profissional;
Experiência Académica - Conhecimentos adquiridos na área do Ensino como estudante.
Experiência Profissional - Conhecimentos adquiridos ao longo da prática profissional.
Dificuldades sentidas pelos professores - diz respeito a todas as limitações sentidas pelos professores no exercício de práticas diferenciadas;
Vantagens atribuídas à inclusão - engloba todos os benefícios que surgem da prática inclusiva exercidas por professores.

Para o processo de categorização, utilizou-se uma ferramenta informática de análise qualitativa de dados, o *software* MAXQDA (versão 1.0 demo) . O MAXQDA é uma aplicação de análise qualitativa de dados e métodos mistos que permite uma fácil integração com outras ferramentas de análise de dados. Este programa é uma referência a nível mundial e foi lançado em 1989. O MAXQDA permite analisar não só transcrições de entrevistas como ficheiros áudio, páginas online, imagens e até mesmo tweets do Twitter.

Foram definidas as duas unidades da Análise de conteúdo:

- Unidade de Registo (UR), "*a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorizar a ação e a contagem frequencial"* (Bardin, 2014, p. 130).

Como UR considerou-se o mais pequeno segmento de texto com sentido.

- Unidade de Contexto (UC) - Segundo Bardin é a parte da mensagem que permite compreender o significado da unidade de registo. Pode ser, por exemplo, a frase se estivermos a referir-nos a uma palavra.

Da análise de conteúdo realizada surgiram novas subcategorias dentro das traçadas previamente. Assim, como estratégias de Diferenciação Pedagógica surgem-

nos os materiais adequados; o respeito pela individualidade; e a organização da sala. Como dificuldades sentidas pelos professores na concretização prática da Diferenciação Pedagógica surgem-nos: falta de informação; falta de condições; e acréscimo de trabalho. Em relação às vantagens atribuídas à inclusão surgem o estimular aprendizagens e a promoção de competências sociais. A única categoria (e subcategorias) prévias que surgem na análise dizem respeito à caraterização dos entrevistados surgindo experiência académica e profissional.

Quadro 5 - Resultados da Análise de Conteúdo

Categorias	**Subcategorias**	**UR**
1) Estratégias de Diferenciação Pedagógica	1.1) Materiais adequados	10/29 (34%)
	1.2) Respeito pela individualidade	13/29 (45%)
	1.3) Organização da sala	6/29 (21%)
		29
2) Caraterização dos entrevistados	2.1) Experiência académica	10/12 (83%)
	2.2) Experiência profissional	2/12 (17%)
		12
3) Dificuldades sentidas pelos professores	3.1) Falta de informação	2/13 (15%)
	3.2) Falta de condições	6/13 (46%)
	3.3) Acréscimo de trabalho	5/13 (39%)
		13
4) Vantagens atribuídas à inclusão	4.1) Estimular aprendizagens	4/9 (44%)
	4.2) Promover competências sociais	5/9 (56%)
		9
	T:	**63**

Os resultados da análise de conteúdo foram sujeitos a teste de fiabilidade (1) intra ou estabilidade e (2) intercodificadores ou Reprodutividade: (1) o analista principal codificou o material verbal em dois momentos distintos no tempo com um intervalo de uma semana. Para Jorge Ávila de Lima, se não existirem desvios relevantes entre as duas codificações pode-se afirmar que a análise dos dados é fiável. Contudo, este teste de fiabilidade não deverá ser o único a ser realizado. Neste caso, obteve-se um grau de concordância entre as duas categorizações de 85%. Todavia, dada a fragilidade da significância deste procedimento, calculou-se também a fiabilidade intercodificador; (2) solicitou-se o apoio de um docente especialista em análise de conteúdo para

desempenhar a tarefa de segundo codificador. Ambos trabalharam de forma autónoma e independente, após concertada grelha de categorias a usar. A fiabilidade intercodificadores é uma situação teste-teste, ou seja, os dois codificadores aplicam, de forma independente, a mesma chave de codificação. O índice de fiabilidade foi medido conforme instruções de Vala (Vala, 1986, p. 117). Foi usada a seguinte fórmula:

$$F = \frac{2(C1,2)}{C1 + C2}$$

O índice de fidelidade calcula-se dividindo o número de acordos entre codificadores pelo total de categorizações efetuadas por cada um. Deve notar-se porém, que coeficientes de fidelidade elevados não são sinónimos de validade. No pior caso, uma elevada fidelidade pode apenas significar que os codificadores operaram segundo um mesmo critério desadequado de classificação. O coeficiente obtido foi F = .73, o que se considera uma fiabilidade aceitável. Contudo, como realça Vala, tal não será sinónimo de validade pois *"Qualquer conteúdo é susceptível de interpretações diversas. É por isso de prever que dois codificadores ao analisarem um mesmo material, cheguem a resultados diferentes"* (Vala, 1986, p. 117).

Capítulo 3 - Apresentação de resultados

Com base nos dados recolhidos e nas análises realizadas podemos constatar que o modelo de Escola Inclusiva, modelo que promove a educação conjunta de todos os alunos, independentemente das suas caraterísticas e problemáticas, apresenta enormes desafios aos professores. Não se trata apenas de incluir alunos em escolas e turmas regulares. Trata-se de olhar cada aluno como único, analisar as suas aptidões e dificuldades, e encontrar estratégias que permitam o seu desenvolvimento integral. É um enorme desafio para os professores as turmas são grandes e muito heterogéneas, exigindo do professor uma atenção máxima a todos. As professores participantes neste estudo referem precisamente este desafio constante nas suas práticas pedagógicas (ver Anexos 9 e 10).

O ensino especial adquire aqui uma relevância muito grande pois ajuda a integração de crianças com Necessidades Educativas Especiais em turmas regulares. Ensino especial e inclusão acabam por ser duas faces de uma mesma moeda. O ensino especial ajuda neste modelo para a inclusão concretamente com o apoio que é feito dentro da classe regular, mas também com os serviços de apoio fora do contexto de sala de aula.

Para que o modelo de inclusão se concretize os professores não podem, nem devem, aplicar o currículo de forma homogénea a todas as crianças. Incluir é sinónimo de diferenciar o que implica que cada escola pense na forma como aplica o currículo tendo em conta o público que a frequenta. Também cada professor, quando elabora o projeto curricular de turma, analisa em primeiro lugar os alunos que tem em mãos para poder, depois, tomar opções que sejam as melhores para os seus alunos. Cada professor decide então qual o melhor modo de ensinar e como organizar o trabalho para a sua turma. É uma competência fulcral da escola inclusiva: a capacidade que os professores têm em adaptar o currículo aos seus alunos.

No caso concreto da turma que serviu de base a este estudo podemos encontrar várias formas de currículo. Encontramos um currículo regular com apoio que é feito dentro do horário normal da turma e que inclui pequenos apoios, alguns ajustamentos de materiais, e estratégias para descodificação de textos. Este apoio é feito sobretudo aos

alunos com dislexia e a uma das alunas com défice cognitivo. A aluna que apresenta um défice cognitivo maior tem um currículo especial com acrescentos, ou seja, a professora do ensino especial para além de fazer apoio individualizado e em pequeno grupo, elaborou o Programa Educativo Individualizado (P.E.I.).

A turma em causa é uma turma diferenciada pois (Ver Quadros 2 e 3):

1) Inclui crianças com Necessidades Educativas Especiais;
2) Quer a professora titular quer a professora do Ensino Especial identificam capacidades e limitações do seus alunos e dão respostas de forma adequada;
3) Existe respeito pela individualidade de cada criança;
4) Existência de um ritmo repetitivo de preparação, revisão e partilha do grupo;
5) Atenção constante por parte dos professores;
6) Cuidado na transmissão de indicações e informações;
7) Interajuda entre os alunos de diferentes níveis de aprendizagem;
8) Planificação para os alunos que são mais rápidos a terminar as tarefas propostas.

Verificamos ainda a utilização de inúmeras estratégias de ensino diferenciado na turma observada. As professoras propõem aos alunos trabalhos a nível individual, ao nível de pequeno grupo; e ainda ao nível de grande grupo. Os alunos usufruem ainda de momentos de apoio individualizado com ambas as professoras. Os trabalhos propostos à turma não são iguais para todos assim como as fichas de avaliação revelam modificações para os alunos com Necessidades Educativas Especiais. Constatamos uma variedade de materiais expostos na sala de aula, materiais que são úteis, ajudam os alunos a aprender de forma lúdica, e que os incentiva a quererem aprender mais.

Considerações Finais

A presente investigação foi norteada pelo seguinte problema de investigação: *De que forma os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico fazem a integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais em turmas regulares?* Na sequência desta questão principal, delinearam-se três questões específicas às quais se responde em seguida:

1) Quais as representações sobre Diferenciação Pedagógica por parte dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico?

Os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico pensam que a Diferenciação Pedagógica passa pela integração de alunos com Necessidades Educativas Especiais em turmas regulares, e se centra no desenvolvimento de competências específicas, de acordo com o perfil de funcionalidade do aluno (ver Anexo 10). Esta diferenciação implica que os professores tenham que desenvolver atividades de acordo com as necessidades e problemáticas dos alunos, ajudando não só na estimulação de aprendizagens formais mas também à aprendizagem de competências sociais. A diferenciação pedagógica vem trazer a aceitação de todos por todos (ver Anexo 9).

Contudo, nem sempre a Diferenciação Pedagógica é feita em plenitude pois nem todos os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico estão predispostos ou se sentem à vontade para o fazer. Muitas escolas não apresentam as condições ou os recursos para que tal aconteça (ver categoria falta de condições, Quadro 5). Há ainda muitos professores que não se identificam com a Escola Inclusiva pois acham que tal dá muito trabalho ou simplesmente não sentem possuir formação para tal (ver categoria falta de formação, Quadro 5).

2) Que estratégias usam os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico, em contexto de sala de aula, para integrar os seus alunos?

Os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico usam um variado leque de estratégias para chegar a todos os alunos. O importante é conhecer bem o aluno, as suas capacidades e limitações para poder encontrar as estratégias mais adequadas. Não existem receitas prontas a aplicar, cada aluno é diferente e o que resulta com um aluno pode não resultar com outros. O trabalho realizado deve ser diversificado e realizado

quer individualmente pelo aluno, em pequenos grupos, ou em grande grupo em sala de aula. Os trabalhos escritos devem ser pensados para o destinatário assim como a elaboração de fichas de avaliação deve ser diferenciada.

A organização do contexto de sala de aula deve ser tido em atenção e os professores muitas vezes sentam os seus alunos junto dos pares com o mesmo tipo de dificuldades e, em outras situações misturam os alunos com menos capacidades com os que têm mais capacidades de forma a que exista interajuda.

Os materiais são outra das estratégias usadas pelos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Os materiais devem ser úteis, lúdicos, práticos, estarem visíveis, e serem adequados às necessidades dos alunos que os vão manipular e utilizar.

Por outro lado, o apoio individualizado é também uma das estratégias usadas para que a Diferenciação Pedagógica aconteça (ver Quadros 2 e 3).

3) Quais as representações dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico relativamente às condições necessárias à diferenciação pedagógica?

Para que a Diferenciação Pedagógica possa acontecer em plenitude nas escolas o professor deve ter sensibilidade para acolher todas as crianças. É importante o conhecer os alunos de forma profunda, os seus pontos fortes e fracos, para poder dar respostas mais adequadas e que cheguem a todos. A planificação de um professor deve ser diária e estruturada mas flexível, que permita adaptações ao que vai sucedendo em contexto de sala de aula. Gerir crianças em contexto de sala de aula não é fácil mas o professor deve conseguir fazê-lo não descurando nenhum dos seus alunos, o que implica uma atenção máxima a todos. O professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico deve ainda apostar na sua formação contínua de forma a manter-se sempre atualizado, e ler mais sobre os temas e problemáticas referentes às crianças que tem em sala de aula (ver Anexos 9 e 10).

Trabalhar com crianças é, sem dúvida, aquilo que quero fazer como profissão. Este trabalho de investigação, assim como todo o Mestrado, permitiu-me tomar maior contato quer com a teoria quer com a realidade das escolas portuguesas, escolas inclusivas. É importante para a minha formação como futura professora de 1.º Ciclo ter os conhecimento teóricos mas absorver como os professores do hoje fazem na sua prática pedagógica. É um enorme desafio trabalhar um grupo de crianças de forma

individual e personalizada, pois ninguém é igual a ninguém. Esta é uma enorme exigência que senti na pele no período de observação e intervenção que pude experienciar com a turma participante neste estudo. Ao investigar, mais em pormenor, esta problemática da Diferenciação Pedagógica sinto uma maior confiança em mim para quando for o momento de ser eu a colocar em prática todo este conhecimento. Penso que a nível pessoal me sensibilizou mais para a questão das Necessidades Educativas Especiais e de como estas crianças aprendem. A nível profissional sinto que estou mais preparada para a realidade das nossas escolas. Contudo, a formação e a busca por saber mais sobre as problemáticas, como chegar às crianças e famílias não vão parar por aqui.

Seria interessante este estudo ter seguimento no sentido em que é muito relevante para os docentes possuírem ferramentas que os ajudem a dar resposta aos seus alunos. Não existem receitas mágicas para cada uma das crianças, deve existir muita sensibilidade e atenção por parte dos professores, mas maior partilha por parte dos docentes. A estratégia que eu uso hoje com determinada criança pode ser uma resposta que ajude outros profissionais a encontrarem respostas adequadas.

Ao longo deste estudo senti uma enorme empatia e espírito de partilha com as professoras que colaboraram e me ajudaram. Tal facto ajudou não só a construção deste trabalho mas a minha construção como futura professora de 1.º Ciclo. Este estudo apresenta algumas limitações como o tamanho exíguo da entrevista, fruto da minha inexperiência como investigadora.

Referências Bibliográficas

Antunes, C. (2005). *As inteligências múltiplas e os seus estímulos* (1.ª ed.). Porto: Edições Asa - Colecção Em foco.

Bardin, L. (2001). *Análise de Conteúdo.* Edições 70.

Bardin, L. (2014). *Análise de Conteúdo.* Coimbra: Edições 70, Lda.

Correia, L. d. (2013). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais - Um guia para educadores e professores* (2.ª ed.). Porto: Porto Editora.

Educação, C. N. (2015). *Conselho Nacional de Educação.* Obtido em Março de 2015, de Conselho Nacional de Educação: http://www.cnedu.pt/content/antigo/files/pub/AlunosComNecessidades/4-capitulo.pdf

Educação, M. d. (14 de Outubro de 1986). Lei de Bases do Sistema Educativo. Lisboa, Portugal: Diário da República.

Educação, M. d. (7 de Janeiro de 2008). Decreto Lei 3/2008, de 7 de Janeiro. *Artigo 1.º*. Diário da República.

Estrela, A. (2008). *Teoria e Prática de Observação de Classes.* Porto : Porto Editora.

Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica.* Lisboa: Monitor - Projectos eEdições, Lda.

Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, C. e. (2011). *Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, Ciência e Cultura.* Obtido em Março de 2015, de Web site de Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, Ciência e Cultura: http://www.oei.es/quipu/portugal/historia.pdf

Pacheco, J. A. (2007). *Currículo: Teoria e Práxis* (3.ª ed., Vols. 22 - Colecção Ciências da Educação). Porto: Porto Editora.

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança* (8.ª ed.). Lisboa: McGraw Hill.

Perrenoud, P. (Junho de 2010). Não existe inclusão eficaz sem diferenciação pedagógica dentro das turmas regulares. *Educação Inclusiva, 1*, pp. 15-19.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais.* Lisboa: Gradiva.

Resendes, L. G., & Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica.* Lisboa: Universidade Aberta.

Rodrigues, D. (2007). *Investigação em Educação Inclusiva* (Vol. 2). (U. T.-F. Humana, Ed.) Lisboa: Fórum de Estudos de Educação Inclusiva.

Roldão, M. d. (1999). *Gestão Curricular - Fundamentos e práticas.* Lisboa: Ministério da Educação - Departamento do Ensino Básico.

Tomlinson, C. A. (2008). *Diferenciação Pedagógica e Diversidade.* Porto: Porto Editora.

UNESCO. (1994). Declaração de Salamanca. *Declaração de Salamanca.* Salamanca: UNESCO.

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. Silva, & J. Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.

Anexos

Anexo 1

Grelha de Observação Naturalista

5 de janeiro de 2015

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
9h10min	Prof R. - Meninos podem entrar na sala, sem se atropelarem. Bom dia a toda a gente! As férias foram boas? Ar. - Foram ótimas professora, pena que já acabaram. Lf. - Devíamos estar sempre de férias.	A turma aguardava à porta da sala de aula.
9h20min	Prof. R. - Era Lf. e não se fazia nada? Bom, quero saber tudo o que cada um fez nas férias de Natal. Prof. R. - Bom, vamos buscar os dossiês e abrir a folha do dia.	Os alunos foram-se sentando nos lugares pré definidos. Professora R. escreveu a data no quadro da sala.
9h25min	Prof. R. - Vamos escrever um texto individualmente com o título "Como foram as minhas férias de Natal". Quero no mínimo sete linhas e no máximo quinze linhas. No final cada um faz a ilustração do que escreveu.	A turma manteve-se em silêncio e deu início à produção escrita.
9h30min	Prof. R. - S. dê uma vista de olhos no livro da turma. A turma tem um nível muito abaixo da média. A maioria dos alunos já tem 10 anos ou mais. São quase todos alunos repetentes. A turma tem vinte alunos no total. S. - São quantos alunos de 3.º ano? E de 4.º ano? Professora R. - São 5 alunos de 3.º ano e 15 alunos de 4.º ano. Na fila de esquerda estão os alunos do 3.º ano e nas filas do centro e da direita estão os alunos do 4.º ano. Quatro dos alunos são NEE. S. - Que tipo de problemáticas? Professora R. - A An. para já foi diagnosticada com défice cognitivo muito grande. Ela tem muitas dificuldades em aprender e compreender. Está no 4.º ano com currículo adaptado, a professora do Ensino Especial elaborou P.E.I. para ela.	9 anos = 5 alunos 10 anos = 2 alunos 11 anos = 8 alunos 12 anos = 5 alunos 10 Rapazes e 10 Raparigas A professora R. abriu o livro da turma e começou a apresentar-me os alunos. A professora R. não mencionou os nomes dos alunos em voz alta, apenas apontou para as suas fotografias e nomes no livro da turma.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
10h	A psicóloga acha que poderá não ser só défice cognitivo mas os pais não querem que ela tenha acompanhamento. A La. também apresenta défice cognitivo, é muito distraída e não tem nenhuma vontade de estar na escola. A Ar. e o Lm. têm dislexia, e ambos são bons no cálculo mental. S. - E há apoio por parte do Ensino Especial? Professora R. - Sim, a professora do Ensino Especial está quatro horas por semana com estes 4 alunos. Eles têm apoio individualizado dentro da sala de aula, e apoio em pequeno grupo fora da sala de aula. Depois temos o Rs. que é muito bom aluno mas quando erra nunca o admite. Por vezes é muito cruel com os colegas. O G. também é muito bom aluno. Os restantes revelam também histórias familiares complicadas. No início da semana começamos sempre com uma produção escrita sobre o fim de semana, ou férias, para eu conseguir acompanhar e perceber como cada um deles está. A mãe do Rs. por exemplo é doente oncológica e passa muito tempo hospitalizada em tratamentos. G. - Professora R. já terminei o texto. Faço o desenho, não é? Professora R. - Sim. Rs. - Eu já acabei tudo, posso mostrar à professora? Professora R. - Sim, podes trazer aqui o texto. An. - Professora R. também já acabei. G. - Eu também. Ar. - Também eu. Professora R. - An. podes trazer o teu texto, se faz favor. An. - Sim professora. Professora R. - Então vamos ver, o que fizeste nas férias? An. - Estive cá na escola a ajudar a minha mãe. Depois fui para a minha avó que tem lá muitas galinhas e patos, e tem uma horta. Professora R. - Calma, então vamos lá escrever isso. Professora R. - Já está, e depois que fizeste mais? An. - Passei o Natal na minha avó e recebi muitas prendas da Violetta. Professora R. - Certo, vou escrever. Professora R. - Mais alguma coisa? An. - Depois do Natal vim para cá. Professora R. - Voltaste a Lisboa? E onde estiveste?	2 horas apoio fora da sala e 2 horas apoio dentro da sala Carga horária semanal: Português = 8 horas Matemática = 8 horas Estudo do Meio = 3 horas Expressões Artísticas = 2 horas Apoio ao Estudo = 2 horas Expressões Físico Motoras = 1 hora Oferta Complementar = 1 hora Rs. levantou-se e dirigiu-se à professora R. que corrigiu o texto. Professora R. não respondeu aos alunos. A An. dirigiu-se à professora R. A professora R. escreveu o novo texto numa folha.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
10h30min	An. - Castelo Branco. Professora R. - Vamos colocar essa informação no texto. An. - Estava lá muito frio. Professora R. - Certo! An. - Cá estive na casa da minha tia a brincar com os meus primos e com a minha irmã. E fiz os trabalhos da escola depois do Natal. Professora R. - Muito bem, está tudo escrito. Mais alguma coisa? An. - Não, está tudo. Professora R. - Bom, agora copias este texto para a tua folha do dia e depois fazes o desenho. An. - Sim professora. Professora R. - Bom, o meu ajudante de hoje, que é a Ar. vai recolher os trabalhos todos menos o do Rs e da An., se faz favor. Enquanto ela recolhe os trabalhos o 3.º ano abre o manual de português e lê o texto das páginas 62 e 63 e faz a cópia para a folha do dia. Depois, resolvem as páginas 64 e 65 a pares. O 4.º ano vai abrir o manual de português nas páginas 86 e 87 e vai ler o texto individualmente e depois sublinham as palavras que não percebem. A seguir trabalham a pares e respondem às perguntas. Rp. - Professora R. não percebo a pergunta 2. Professora R. - Enquanto todos trabalham vou corrigindo os vossos textos sobre as férias do Natal. Já sabem que cada erro deve ser corrigido voltando a escrever as palavras de forma certa, cinco vezes.	An. voltou ao seu lugar. A maioria dos alunos manifestou que também já tinha terminado o trabalho. A Ar. recolheu os trabalhos e colocou-os em cima da mesa da professora R. A turma deu início ao trabalho em silêncio. A professora R. dirigiu-se à mesa do Rp. e fez explicação individual. A turma manteve-se a trabalhar em silêncio.
11h	Professora R. - Podem pegar no lanche e sair para o recreio. Vistam os casacos que está muito frio.	Ouviu-se o toque da campainha Intervalo de 30 minutos
11h40min	Professora R. - Bom, o 3.º ano continua a trabalhar a pares. O 4.º ano vai abrir o livro de português e vamos tirar dúvidas	A professora R. entrou na sala de aula.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
12h	sobre o vocabulário que vocês não entenderam. Vamos ver linha a linha. Alguém me sabe dizer que tipo de texto é este? Diz N. N. - É uma notícia. Professora R. - Certo. E Tp. onde saiu esta notícia? Tp. - No Notícias Magazine. Professora R. - E quando Ni.? Ni. - No dia 10 de junho de 2012. Professora R. - Muito bem. Qual é o título da notícias Va.? Va. - O melhor do mundo. Professora R. - Então vamos ver as dúvidas no primeiro parágrafo. Diz Ca. Ca. - O que é burel? Professora R. - É um tipo de tecido. Ca. - E arruamentos? Professora R. - São ruas estreitas. Va. - O que são imperfeições, professora? Professora R. - Imperfeições são defeitos, coisas menos boas. Passamos ao segundo parágrafo. Diz Ma. Ma. - O que é um ídolo? Professora R. - É alguém de quem gostamos muito. Ma. - E quietude? Professora R. - Quietude da aldeia quer dizer que a aldeia é muito sossegada. Ma. - O que é Mezio? Professora R. - É o nome da vila onde o Pedro vai à escola. Diz Lo. Lo. - O que é encenador? Professora R. - É a pessoa que ensaia no teatro. Mais dúvidas? Todos - Não professora. Professora R. - Então vamos ler em voz alta. Começa o Tc. Tc. - O melhor do mundo. Vive numa aldeia a mais de mil metros de altitude, na Serra de Montemuro. Uma aldeia com casas de granito e carros de bois que passam nos arruamentos de pedra. Professora R. - La. continua. La. - Uma aldeia com cerca de cinquenta habitantes, conhecida pela qualidade do seu teatro (Teatro de	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	Montemuro) e pelas Capuchinhas, um grupo de cinco mulheres que há 24 anos criam diariamente peças contemporâneas de burel, linho e lã, montando a tria, batendo o tear. Uma delas, Ester, é a sua mãe. Professora R. - Continua o G. G. - Pedro Correia tem 9 anos e vive em Campo Benfeito, entre Castro Daire e Lamego, filho da capuchinha Ester e do agricultor Afonso, menino bonito de sorriso fácil, pouco dado à vida do campo apesar de nunca ter conhecido outra. Professora R. - Continua a Va. Va. - O meu irmão gosta de ir com o meu pai para o campo. Mas eu prefiro ficar em casa com a mãe, a ler ou a fazer Lego. Quando descreve os defeitos e qualidades, põe no topo da lista das imperfeições o facto de não gostar do campo. Professora R. - Continua a Ni. Ni. - Lá está sempre muito sol, muito calor. Ou então, se for inverno, está muito frio. E depois pico-me todo, nas silvas...não gosto, pronto. Professora R. - Continua o Rs. - Pedro vive feliz, na aldeia, que o viu nascer. Fala nos primos, muitos, porque a avó Ofélia teve nove filhos. O primo Kiko, o primo João, a prima Clara, a Camila e a Carolina. Mas fala sobretudo no irmão mais velho, o Miguel, uma espécie de ídolo de olhos verdes. Professora R. - Ma. continua. Ma. - Castanhos!, diz a mãe. Ele encolhe os ombros, espantado com o engano. Aos seus olhos eram verdes ou azuis, os olhos do irmão. Pedro gosta de Campo Benfeito, do sossego das ruas, da quietude da aldeia, das gentes todas que o conhecem pelo nome. Professora R. - Continua o Ta. Ta. - Na sua terra a paz é tanta que nem há rede nos telemóveis. Só lá em cima no cruzeiro é que há. Já foi ao Porto e a Lisboa e acha que são cidades iguaizinhas uma à outra: muita confusão, muito barulho, muita gente a correr como se o tempo se fosse esgotar. Professora R. - Continua a De. De. - Nem pensar em viver nessa pressa e nesse ruído constantes. Quero ir para a faculdade mas depois volto para aqui. Ou para outra aldeia perto. Cidades é que não. Professora R. - Segue a An. An. - Acorda todos os dias às sete horas e cinquenta, e às oito horas e vinte o autocarro passa lá abaixo, ao pé da fonte.	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	Professora R. - Continua a Ar. Ar. - A escola fica em Mezio e ele gosta de lá andar, no terceiro ano. A professora Ana é simpática e não se zanga com ele. Nunca tiver um recado para casa e sou bom aluno. Professora R. - Continua a Ca. Ca. - Gosto mais de Matemática do que de Língua Portuguesa. É difícil fazer textos, temos de pensar em muitas coisas e fica a doer a mão quando escrevemos. Professora R. - Segue Le. Le. - Quando volta da escola faz os trabalhos de casa e depois brinca um bocado. No verão fica na rua até tarde, a brincar com os primos e com os amigos. Jogamos à bola ou ao socorro. O que é o socorro? Um fica de olhos fechados tem de pedir aos que se esconderam que gritem por socorro. Ele ouve as vozes e encontra-os. Professora R. - Continua o N. N. - Como bom habitante de Campo Benfeito, sobrinho de gente do teatro de Montemuro (o tio Eduardo é encenador, o tio Abel é ator e autor, o tio Paulo é ator e encenador), já lá representou várias vezes. Quase todos os anos faço uma peça ou mais. Professora R. - Continua Rs. Rs. - Em abril entrei numa que falava sobre a família, sobre os avós. Para mim é fácil decorar o papel. Decoro num instante uma página inteira. Se tenho vergonha? Um bocado. Fica o coração a bater muito depressa. O que vale é que, com as luzes, não vemos as pessoas. As pessoas é que nos veem a nós. Professora R. - Continua Rp. Rp. - Mas Pedro não quer ser ator, quando crescer. Não faz ideia do que será quando for um homenzinho, mas não será ator. Nem bombeiro. Nem médico. Nem astronauta. Não sabe, pronto. Mas será qualquer coisa que lhe permita continuar a viver na aldeia, preferencialmente a sua.	
12h30min	Professora R. - Muito bem. O 4.º ano agora responde às perguntas das páginas 88 e 89, a pares. Professora R. - O 3.º ano o que está a fazer?	A professora R. dirige-se aos alunos do 3.º ano.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	B. - Eu estou a responder às perguntas professora, vou na última folha. Lm. - Eu li o texto e estou na cópia. Lf. - Eu também. Ja. - Ainda vou na cópia, professora. Ve. - Eu comecei agora a cópia. Professora R. - Há dúvidas nas palavras do texto? Ve. - Não! Professora R. - De certeza? Ve. - Sim. Bom, então vão continuar o vosso trabalho.	
12h45min	Professora R. - Vou à sala da professora C. e não quero barulho nenhum.	A professora R. saiu da sala. A turma permaneceu em silêncio trabalhando.
12h55min		A Professora R. entrou na sala.
	Professora R. - Vamos arrumar pois está quase na hora do almoço.	
		A turma arrumou os materiais em cima das mesas.
13h	Professora R. - Podem sair e ir almoçar.	Ouviu-se a campainha da escola.
14h30min		Ouviu-se a campainha da escola. A turma aguardou pela professora à entrada da sala.
14h40min	Professora R. - Podem entrar. Va. abre a porta. Va. - Professora estivemos a brincar no telheiro do pavilhão e ficámos todas molhadas. Está a chover bué. Professora R. - Está a chover bué? Eu digo-te o bué. Va. - Está a chover muito. Posso ir muda de calças?	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	Professora R. - Tens roupa limpa no cabide? Va. - Sim! Professora R. - Então vai rápido, à casa de banho, trocar de calças senão ficas doente.	A Va. saiu da sala. A sala apresenta inúmeros cartazes nas paredes, referentes às matérias que estão a ser abordadas.
15h30min	Professora R. - O 4.º ano continua o seu trabalho. O 3.º ano eu vou passar em cada um dos vossos lugares para tirar dúvidas.	A Professora R. fez apoio individualizado aos alunos em períodos de 10 minutos a cada um.
	Professora R. - O 3.º ano faz a ilustração do texto que leu na folha do dia. No 4.º ano a Ar. recolhe os livros de português e arruma-os na estante. O G. pode ir buscar folhas brancas e distribuir uma a cada colega. Podem fazer um desenho livre.	Os alunos arrumaram os materiais que já não eram necessários em cima das mesas.
15h50min 16h	Professora R. - Podem arrumar e ir buscar o lanche. Hoje não há trabalho de casa.	Ouviu-se a campainha da escola.
	Professora R. - Podem sair. Até amanhã.	

Anexo 2

Grelha de Observação Naturalista

6 de janeiro de 2015

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
9h		Ouviu-se a campainha da escola e os alunos entraram na sala de aula.
9h10min		A professora chegou à sala.
	Professora R. - Bom dia a todos! Todos - Bom dia professora. Professora R. - O 3.º ano pode ir buscar os dossiês.	O 3.º ano levantou-se, foi buscar os dossiês à estante e voltou a sentar-se.
	Professora R. - O 4.º ano pode ir buscar os dossiês.	O 4.º ano levantou-se, foi buscar os dossiês à estante e voltou a sentar-se.
	Professora R. - Vamos abrir a folha do dia e hoje vamos trabalhar todos em grande grupo.	A professora escreveu a data no quadro da sala.
9h20min	Professora R. - Alguém me sabe dizer porque é que hoje é Dia de Reis? Professora R. - Sim Ca. Ca. - Porque hoje é o dia que os Reis Magos chegaram ao presépio para ver o Menino Jesus, e dar presentes. Le. - Hoje devíamos receber outra vez presentes? Professora R. - Não Le., já os recebemos no Natal mas, em Espanha, só hoje é que se abrem os presentes. Então, vamos olhar aqui para o que eu escrevi no quadro e vão-me dizendo o que vos lembra "Dia de Reis", e eu vou escrevendo no quadro. Já sabem que é um de cada vez, e só fala quem puser o dedo no ar.	A professora escreveu no quadro "Dia de Reis". Ca. colocou o dedo no ar.
	G. - Presépio. Ca. - Menino Jesus. De. - Prendas. Ma. - Camelos. Tc. - Incenso. Va. - Jesus. Le. - Coroa de Rei. N. - Bolo Rei. Rs. - Ouro. An. - Bolo Rainha. Ar. - Reis Magos. La. - Estrela. Ni. - Mirra.	Enquanto os alunos partilhavam oralmente a professora foi escrevendo as ideias no quadro da sala de aula.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
10h	B. - José e Maria. Lm. - Melchior, Baltasar e Gaspar. Tc. - Janeiras. Rp. - Boi, vaca e burro. Ta. - Ovelha. Ja. - Anjo Ve. - Palha. Professora R. - Muito bem. Mais algumas ideias? Todos - Não. Professora R. - Então agora para ajudar vou pôr aqui umas imagens. Alguém sabe o que são? Todos - Não. Professora R. - Esta é mirra, que é uma planta. E esta é incenso que também é uma planta. Ar. - Professora eu quando vou à missa, às vezes o padre queima incenso. Faz muito fumo. Professora R. - Sim, serve para purificar, tornar o ar melhor. Professora R. - E ouro? Toda a gente já viu? Todos - Sim! Professora R. - Bom, queria agora que escutassem com muita atenção o que eu vou ler. O texto chama-se Tradições do Dia de Reis em Portugal. No dia de Reis recordamos os três Reis Magos, Sábios do Oriente que vieram desde as suas terras até à humilde gruta de Belém, sempre seguindo uma estrela diferentes das outras. Montados em seus camelos, eles procuravam um Menino que sabiam ser o Salvador do Mundo, para O adorarem e Lhe oferecerem as prendas que traziam: ouro, incenso e mirra. Um chamava-se Gaspar, que significa o que vai com amor; o outro chamava-se Belchior, que significa o que vai suavemente; e o terceiro chamava-se Baltasar, que significa o que obedece à vontade de Deus, humildemente. O Dia de Reis comemora-se no dia 6 de janeiro. Em Portugal há a tradição do cantar das Janeiras, isto é, grupos de pessoas saem pelas ruas e cantam algumas canções desejando um bom ano a familiares e vizinhos. As Janeiras são cantadas durante todo o mês de Janeiro. Neste dia é também tradicional, assim como em todo o tempo do Natal, o Bolo-Rei. Diz a lenda que quando os Reis Magos foram visitar o Menino Jesus, perto da gruta	A professora R. afixou ao lado do quadro de sala imagens de um presépio, de um bolo rei, de ouro, incenso e mirra. A professora R. leu o texto oralmente.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	onde estava o menino, os Reis Magos tiveram uma discussão para saber qual deles seria o primeiro a oferecer os presentes. Um artesão que por ali passava assistiu à conversa e propôs uma solução para o problema, de maneira a ficarem todos satisfeitos. O artesão resolveu fazer um bolo e colocar uma fava na massa. Depois de cozido repartiu o bolo em três partes e aquele a quem saísse a fava seria o primeiro a oferecer os presentes ao Menino. Assim ficou conhecido pelo nome de Bolo Rei e como tinha sido feito para escolher um rei passou a usar-se como doce de Natal. Dizem que a côdea do bolo simboliza o ouro, as frutas simbolizam a mirra e o aroma, o incenso.	
10h15min	Professora R. - Bom, vamos ver se todos estavam com atenção. Professora R. - Lf. de onde vieram os Reis Magos? Lf. - Os sábios vinham do Oriente. Professora R. - Muito bem. Ca., como se chamam os Reis Magos? Ca. - Baltazar, Melchior e Gaspar. Professora R. - Certo. G., o que ofereceram os Reis Magos ao Menino Jesus? G. - Ouro, incenso e mirra. Professora R. - Muito bem. Le., em que dia se festeja o dia de Reis? Le. - Hoje! Professora R. - Sim Le., e que dia é hoje? Le. - É dia 6 de janeiro. Professora R. - Certo. O que são as Janeiras, N.? N. - São músicas que se cantam a amigos e vizinhos a desejar um bom ano. Professora R. - Boa! Qual é o doce que tipicamente se come nesta época? Todos - Bolo Rei.	
10h45min	Professora R. - Muito bem. Quem gosta de Bolo Rei ponha o dedo no ar?	Só o G. e o Rp. não puseram o dedo no ar.
	Professora R. - Vamos todos provar um pouco de Bolo Rei hoje.	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
		A Professora R. tira um Bolo Rei de um saco e coloca-o em cima da sua mesa. Depois parte-o em pequenas fatias.
	Professora R. - An. hoje és tu a minha ajudante. Vais ajudar a distribuir uma fatia por cada colega teu.	
		A An. levantou-se e distribui uma fatia de Bolo Rei a cada colega da turma. Todos quiseram provar.
11h	Professora R. - Podem pegar no vosso lanche e sair.	Ouviu-se a campainha da escola.
11h30min		Ouviu-se a campainha da escola.
11h35min		A professora R. entrou na sala de aula.
	Professora R. - Como hoje é o Dia de Reis vamos ensaiar uma música das Janeiras e vamos, depois do almoço, cantar a uma das turmas do 3.º ano.	
	Professora R. - Sim!	Batem à porta.
	Professora C. - Professora a minha turma pode entrar? Temos uma pequena surpresa para vocês.	
	Professora R. - Claro que sim. Entrem!	
		A turma entrou acompanhada da sua professora.
	Professora C. - Como hoje é Dia de Reis gostávamos de vos desejar um bom ano cantando.	
		Professora C. liga o rádio da sala.
	Professora C. e turma - Viemos aqui neste dia, nesta manhã luzidia. P'ra vos cantar as janeiras. E com a nossa cantoria trazermos a nossa alegria, sorrisos e brincadeiras. Viemos aqui neste dia, nesta manhã luzidia. P'ra vos cantar as janeiras. E com a nossa cantoria trazermos a nossa alegria, sorrisos e brincadeiras. Agora já está na hora deste grupo ir embora. E muito agradecemos vossa generosidade. E dizemos com amizade que p'ró ano cá estaremos.	
	Professora C. e turma - Muito obrigado e bom ano.	Professora R. e turma agradecem e batem palmas.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
		A professora C. e a sua turma saem da sala.
12h	Professora R. - Bom, então vamos lá agora nós ouvir uma outra música das Janeiras.	A professora R. liga o computador e enquanto os alunos escutam a música ela escreve a letra no quadro.
12h05min	Professora R. - Vou colocar a música em repetição enquanto vocês copiam com atenção a letra para a folha do dia.	A música foi repetida cinco vezes seguidas.
12h35min	Professora R. - Bom, vamos lá tentar cantar. Todos - Cantar as Janeiras pelo Ano Novo, é manter bem vivas, tradições do povo. Casa a casa vamos ao romper do dia. Cantar as janeiras com muita alegria. E quem nos recebe dá-nos um presente. E nós desejamos Paz p'ra toda a gente.	A professora R. cantou com a turma usando como suporte a música gravada. A música foi repetida por todos cinco vezes seguidas.
12h55min	Professora R. - Por agora está bom. Podem arrumar e sair. Bom almoço.	
13h		Ouviu-se a campainha da escola.
14h30min		Ouviu-se a campainha da escola.
14h40min	Professora R. - Bom, vamos organizar-nos em fila, dois a dois, e vamos à sala do 3.º ano desejar um bom ano. Rs. quando chegarmos à sala desejas bom ano a todos e explicas o que vamos fazer. An. traz o rádio, se faz favor.	A professora R. entrou na sala de aula. A professora R. chamou os alunos para que formassem fila e seguiu até à sala do 3.º ano.
14h45min	Professora S. - Sim! Rs. - Podemos entrar? Professora S. - Claro! Rs. - Vimos desejar um bom ano a todos e temos uma pequena surpresa.	O Rs. bateu à porta.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
		A professora R. ligou o rádio e deu início à música.
	Todos - Cantar as Janeiras pelo Ano Novo, é manter bem vivas, tradições do povo. Casa a casa vamos ao romper do dia. Cantar as janeiras com muita alegria. E quem nos recebe dá-nos um presente. E nós desejamos Paz p'ra toda a gente.	
	Cantar as Janeiras pelo Ano Novo, é manter bem vivas, tradições do povo. Casa a casa vamos ao romper do dia. Cantar as janeiras com muita alegria. E quem nos recebe dá-nos um presente. E nós desejamos Paz p'ra toda a gente.	
	Professora S. - Muito obrigado amigos pela vossa surpresa. Gostámos muito.	A professora S. e a turma bateram palmas.
	Rs. - Obrigado nós!	
	Professora R. - Obrigado e bom ano.	
	Professora R. - Voltamos a fazer fila e a regressar à sala sem barulho.	A turma saiu e regressou à sua sala.
15h	Professora R. - Como hoje é Dia de Reis vamos fazer um lanche com as outras duas turmas aqui das salas ao lado. Vamos ser nós a preparar tudo aqui no átrio comum mas não pode haver barulho.	A professora R. deu coordenadas a toda a turma para que a mesa do lanche ficasse preparada.
15h15min	Professora R. - Meninos vamos chamar as outras duas turmas.	
		Os alunos bateram à porta das outras duas turmas e os alunos e professores juntaram-se no átrio para o lanche.
16h	Professora R. - Podem todos sair com juízo. Até amanhã.	Ouviu-se a campainha da escola.

Anexo 3

Grelha de Observação Naturalista

7 de janeiro de 2015

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
9h	Professora R. - Bom dia a todos! Vamos entrando na sala, sem empurrões. Professora R. - O 3.º ano pode ir buscar os dossiês. Professora R. - Agora o 4.º ano. Depois todos abrem a folha do dia. Professora R. - O 3.º e o 4.º ano agora vão trabalhar em conjunto. Vamos tirar a Folha de Português de ontem, que tinha o texto sobre o Dia de Reis, e vamos corrigir os exercícios de gramática. Professora R. - B. quantos parágrafos tem o texto? B. - Tem quatro professora. Professora R. - Vamos dar respostas completas. Eu vou escrever no quadro e vocês completam as vossas respostas. Pergunta número um o texto tem quatro parágrafos. Professora R. - Lm. pergunta 2. Faz a análise morfológica da palavra Gaspar. Resposta completa. Lm. - Nome próprio, do género masculino e do número singular, grau normal. Professora R. - Certíssimo! Professora R. - Ar. faz a análise morfológica da palavra bolo. Ar. - Bolo é um nome comum, do género feminino...ai, do género masculino, enganei-me, do número singular, no grau normal. Professora R. - Certo. Professora R. - G. faz a análise morfológica da palavra um. G. - Um é um artigo indefinido, do género masculino, e do número singular. Professora R. - Muito bem! Professora R. - Ca. faz a análise morfológica da palavra procuravam. Ca. - Procuravam pertence ao verbo procurar, está no pretérito imperfeito do modo indicativo, na terceira pessoa	Ouviu-se a campainha da escola. A turma aguardava à porta da sala de aula. Os alunos levantaram-se, dirigiram-se à estante e cada um levou o seu dossiê. Os alunos do 4.º ano levantaram-se e foram buscar os seus dossiês. A professora R. escreveu a data no quadro da sala.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	do plural.	
	Professora R. - Posso apagar o quadro?	A professora R. apagou o quadro da sala.
	Todos - Sim, professora.	
9h30min	Professora R. - Va. vem ao quadro escrever o presente do verbo chamar. De. vem escrever o pretérito perfeito do verbo chamar. Le. vem escrever o futuro do verbo chamar.	A professora R. deu dez minutos aos alunos para que escrevessem o pedido no quadro.
9h40min	Professora R. - Então vamos ver a Va. escreveu o presente do verbo Chamar. Eu chamo, tu chamas, ele chama, nós chamamos, vós chamais, eles chamam. Tudo certo, muito bem. Podes sentar Va.	
	Professora R. - Agora o pretérito perfeito. Eu chamei, tu chamastes...a segunda pessoa do singular não leva 's' no final. Apaga lá De. Tu chamaste, ele chamou, nós chamámos, vós chamastes, eles chamaram. Certo, muito bem. Podes sentar.	A De. apagou a letra 's'.
	Professora R. - Agora o futuro Le. Eu chamarei, tu chamarás, ele chamará, nós chamaremos, vós chamareis, eles chamaram...atenção que a terceira pessoa do plural termina sempre em -ão. Assim como escreveste fica igual ao passado. Corrige lá.	O Le. corrigiu a terceira pessoa do plural do verbo.
	Professora R. - Podes também sentar Le.	
	Professora R. - Continuando, indica três palavras da família de Rei. Pode ser o N.	
	N. - Reinado, Reinar e Rainha.	
	Professora R. - Muito bem.	
	Professora R. - Ve. diz-me cinco palavras da área vocabular de Dia de Reis.	
	Ve. - Reis Magos; Presépio; Bolo Rei; Ouro e Incenso.	
	Professora R. - Certo! Podíamos dizer muito mais palavras como o fizemos ontem.	
	Professora R. - A que classe de palavras pertencem magos, humildes e diferentes.	
	La. - Eu sei, são adjetivos.	
	Professora R. - Sim, mas não puseste o dedo no ar. Ai La.	
	Professora R. - Os Reis Magos ofereceram presentes muito humildes ao Menino Jesus. Rs. qual é o adjetivo presente na frase. Rs. - É humildes.	
	Professora R. - E em que grau se encontra?	
	Rs. - No grau superlativo absoluto analítico.	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
10h15min	Professora R. - Rs. agora coloca o adjetivo no grau normal e volta a dizer a frase. Rs. - Os Reis Magos ofereceram presentes humildes ao Menino Jesus. Professora R. - Muito bem! Professora R. - Toda a gente terminou a produção escrita e a pintura do desenho? B. - Eu não acabei o desenho. La. - Eu não acabei o texto nem pintei. G. - Eu não pintei ainda. Professora R. - Certo, não precisam de falar todos ao mesmo tempo. Ponha o dedo no ar quem ainda não acabou tudo. Professora R. - Vão ter mais quinze minutos para terminar o trabalho de ontem. Rs. como já acabaste vai à cesta das tarefas e escolhe uma. Rs. - Arrumar a nossa biblioteca. Posso professora. Professora R. - Sim, mas em silêncio. Obrigado.	Só o Rs. não colocou o dedo no ar. O Rs. retirou uma tarefa da cesta. A professora R. corrigiu a ficha do Rs. O Rs. arrumou a biblioteca de sala.
10h30min	Professora R. - Rs. recolhe por favor os trabalhos dos teus colegas e coloca-os em cima da minha mesa. Professora R. - Sim! Professora Ro. - Bom dia professora R. e turma. R. será que posso levar a turma à biblioteca da escola para fazermos a troca de livros? Professora R. - Claro! Meninos quem tem livros para entregar tire-os da mochila. Acompanhem todos a professora Ro. à biblioteca. Professora Ro. - Obrigado, vamos lá então.	Batem à porta. A turma saiu com a professora Ro. mantendo-se a professora R. em sala de aula. A professora R. aproveitou para corrigir trabalhos da turma.
10h55min	Le. - Professora podemos entrar? Professora R. - Sim, podem. Professora R. - Podem arrumar os livros e tirar o lanche.	A turma entrou na sala de aula.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
11h		Ouviu-se a campainha da escola.
	Professora R. - Podem sair. Bom recreio.	
11h30min		Ouviu-se a campainha da escola.
11h40min	Professora R. - Podem entrar.	A turma entrou na sala de aula.
	Professora R. - Ontem provámos Bolo Rei, lembram-se? Todos - Sim. Rp. - E estava delicioso. Professora R. - Bom, então hoje vamos ver que ingredientes leva o bolo rei.	A professora tinha já o computador e o projetor da sala ligados.
	Professora R. - Rp. já que gostaste tanto do bolo de ontem diz-me lá o que leva o Bolo Rei. Rp. - O Bolo Rei leva 250 gramas de farinha, 100 gramas de fermento de padeiro, 1 colher de sopa de sal, 4 ovos, 150 gramas de açúcar, 100 gramas de margarina, e 200 gramas de frutos secos. La. - O que são os frutos secos professora? Professora R. - São nozes, amêndoas, amendoins, avelãs. Rp. - Oh professora e como se chamam as frutas que se põem em cima do bolo? Professora R. - São frutas cristalizadas, levam um banho em açúcar. Professora R. - Bom, estes ingredientes que o Rp. leu servem para fazer um bolo apenas. E se eu quisesse fazer dois bolos, o que fazia? N. - Fazia o dobro das quantidades. Professora R. - Muito bem. Professora R. - Então vamos escrever isso no quadro.	A professora projetou uma receita de Bolo Rei. A professora levantou a tela de projeção. A professora desenhou uma tabela no quadro de sala e colocou todos os ingredientes para um bolo.
	Professora R. - Agora vamos lá calcular como o N. nos indicou. Para um bolo eu preciso de 250 gramas de farinha...logo para dois bolos vou precisar de quanto N.? N. - 500 gramas de farinha. Professora R. - Certo. Para um bolo eu preciso de 100 gramas de padeiro. La. para dois bolos quanto preciso?	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	La. - Para dois bolos são 200 gramas de fermento de padeiro. Professora R. - Muito bem! Esta é muito fácil. Le.- São duas colheres professora. Professora R. - Calma Le. Para um bolo preciso de 1 colher de sopa de sal, para dois bolos preciso de duas colheres de sopa de sal. Para um bolo preciso de 4 ovos. Ma. para dois bolos de quantos ovos preciso? Ma. - Preciso de 8 ovos. Professora R. - Certo! Para um bolo preciso de 150 gramas de açúcar. Lf., para dois bolos que quantidade eu preciso? Lf. - Precisa de 300 gramas de açúcar. Professora R. - Certo! G. para um bolo preciso de 100 gramas de margarina. Para dois bolos quanto preciso? G.- 200 gramas de margarina. Professora R. - Sim. E para um bolo preciso de 200 gramas de frutos secos. Va. para dois bolos quanto preciso? Va. - 400 gramas. Professora R. - Va. a receita de um bolo dá para 8 pessoas. Se eu fizer dois bolos quantas pessoas podem comer os bolos? Va. - Então são 8 mais 8 que dá 16 pessoas. Professora R. - Muito bem! B. preciso que me ajudes a distribuir esta ficha, se faz favor.	A professora foi registando na tabela os valores que os alunos indicaram.
12h	Professora R. - Agora quero que pensem nestas quantidades para mais bolos. Vão fazer o mesmo exercício que fizemos oralmente mas vão pensar nas quantidades para 4, 5, 6 e 10 bolos. Para este trabalho vão ter meia hora.	A B. distribui as fichas à turma.
12h30min	Professora R. - Podem resolver os restantes exercícios da ficha.	A turma trabalhou autonomamente.
12h45min	Professora R. - La. podes ir ao quadro preencher a coluna dos ingredientes para 4 bolos. Lm. podes ir preencher a coluna dos ingredientes para 5 bolos. A Ni. pode preencher a coluna dos 6 bolos, e a De. a coluna para 10 bolos.	Os alunos dirigiram-se ao quadro e preencheram a tabela conforme solicitado pela professora.
12h55min	Professora R. - Muito bem! Estão todas corretas as colunas. Podem corrigir pelo quadro.	
13h		Ouviu-se a campainha da escola.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
14h30min		Ouviu-se a campainha da escola. A turma entrou na sala de aula.
	Professora R. - Boa tarde a todos. Vamos concluir a correção da nossa ficha sobre o Bolo Rei. Para fazer os bolos, a mãe da Inês, precisa de comprar farinha, açúcar e margarina. Se comprar as embalagens seguintes, quantos bolos pode fazer? Ora então temos um quilograma de farinha, 1 quilograma de açúcar e 1 quilograma de margarina. Vamos começar com a farinha. Um quilograma é igual a mil gramas. Se eu dividir mil gramas por 250 gramas quantos bolos faço? Vamos calcular. Ora obtenho quatro, o que quer dizer que com esta quantidade de farinha faço 4 bolos. Agora vamos ao açúcar, se eu dividir mil por 150 dá-me 6 bolos e sobram-me 100 gramas de açúcar. E agora a margarina, divido mil por 100 e obtenho 10. Quer dizer que com esta quantidade de margarina faço 10 bolos. Agora pergunta-me é com esta quantidade de farinha, açúcar e margarina quantos bolos posso fazer?	A professora fez todos os cálculos no quadro.
	Rs. - Então professora só pode fazer 4 bolos senão os bolos ficam sem farinha.	
	Professora R. - É isso mesmo. Muito bem. Quem não apresentou os cálculos copie agora do quadro.	
	Professora R. - Quantas embalagens de ovos como esta precisa comprar para fazer 5 bolos? Cada embalagem tem 12 ovos. Para fazer 5 bolos precisamos de 20 ovos. Quantas caixas tenho de comprar Le.?	
	Le.- Então têm de ser duas caixas que dá 24 ovos. Usamos 20 ovos e sobram 4.	
	Professora R. - Certo! Le. e quando dinheiro gasto ao comprar duas caixas de ovos? Uma caixa custa 1,49€.	
	Le. - Então são 1,49€ mais 1,49€. Dá...espere professora estou a fazer a conta. Dá 2,98€.	
	Professora R. - Certo! Todos corrigiram a ficha e apresentaram os cálculos completos?	
	Todos - Sim!	
15h	Professora R. - Bom, então podem arrumar a ficha nos vossos dossiês e todo o material que têm em cima das mesas. Vamos deixar as mesas livres de material. Vamos trabalhar um pouco expressão plástica.	A professora deu tempo para os alunos arrumarem os materiais e foi preparando giz de diversas cores e copos de café onde colocou leite.
	Professora R. - B. distribui a cada um dos colegas uma	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	cartolina destas pretas. Professora R. - Eu vou deixar a cada um de vocês papel de rolo de cozinha para poderem limpar-se. Professora R. - Vamos fazer desenho livre usando o giz mas, como o giz deixa muito pó vamos usar uma técnica que deixa o giz secar sem estragar os desenhos. Professora R. - Antes de usarem o giz devem molhar a sua ponta no leite. Depois escorrem o excesso de leite e desenham. O giz seca e não deixa pó. Tenham cuidado para não espalhar o leite pelo trabalho todo. Vou distribuir um copo de leite por mesa. Dividam com o vosso colega do lado sem acidentes nem estragos.	A B. distribuiu cartolinas tamanho A4 aos colegas. A professora afixou uma cartolina preta no quadro da sala e exemplificou. A turma executou os trabalhos em silêncio. Depois de executarem o trabalho em cartolina preta a professora R. deu uma cartolina branca para que executassem a mesma tarefa mas com um fundo diferente.
15h50min	Professora R. - B. recolhe o giz todo para esta caixa por favor. Os trabalhos mantenham-nos em cima das mesas que eu já os coloco em outro sítio a secar. Cada um põe o papel de cozinha no lixo e limpa a mesa com este pano húmido. Ninguém mexe nos copos de leite, sou eu que os tiro para o caixote do lixo.	A turma arrumou os materiais tal como pedido pela professora R.
16h	Professora R. - Podem tirar o lanche e sair. Até amanhã.	Ouviu-se a campainha da escola.

Anexo 4

Grelha de Observação Naturalista

8 de janeiro de 2015

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
9h		Ouviu-se a campainha da escola.
	Professora R. - Bom dia a todos! Podem entrar na sala.	A turma aguardou à porta da sala.
	G.- Professora posso ir ver os nossos trabalhos do giz? Já secaram?	
	Professora R. - Calma! Já secaram e já os vou distribuir para vocês os arrumarem nos vossos dossiês. Podem ir buscar os dossiês e abrir a folha do dia.	Os alunos levantaram-se e foram buscar os dossiês à estante. A professora R. escreveu a data no quadro da sala.
	Professora R. - Vamos então arrumar os trabalhos de ontem. Ar. distribui os trabalhos aos colegas da tua fila. Ma. tu distribuis aos da tua fila, e Ve. tu distribuis aos colegas da tua fila. Arrumam no separador da Expressão Plástica.	As alunas fizeram a distribuição como pedido.
	Professora R. - Hoje vamos começar a nossa preparação para os exames. Vamos começar pela Matemática. Não quero ninguém nervoso. Ca. podes distribuir os livros de preparação de exames à turma. O Lf. vai distribuir o livro extra de matemática ao 3.º ano.	Os alunos fizeram a distribuição como pedido.
9h15min	Professora R. - Muita atenção na prova de Matemática. Vamos fazer como se fosse mesmo o dia do exame. Eu não posso tirar dúvidas nenhumas. Devem ler com atenção os avisos iniciais da prova para que corra tudo bem. Vão ter uma hora e meia para realizarem a primeira parte da prova, ou seja, são nove e um quarto, vão ter até às dez e quarenta e cinco para esta parte. Boa sorte e silêncio.	A turma permaneceu em silêncio e a professora arrumou a estante da sala e pendurou cartazes com os trabalhos realizados pelos alunos sobre José Saramago.
	Professora R. - O 3.º ano vai fazer as páginas 48, 49, 50, 51 e 52 do livro extra de matemática. Todos em silêncio.	
10h45min	Professora R. - Terminou o tempo da prova. Podem fechar a prova e arrumar o material. É difícil?	
	La. - Um bocadinho professora, não fiz dois exercícios.	
	Professora R. - Muito bem! Vão buscar o lanche e podem sair.	Os alunos saíram.
11h		Ouviu-se a campainha da escola.
11h30min		Ouviu-se a campainha da escola.
11h45min	Professora R. - Podem entrar e manter-se em silêncio. O 3.º ano continua a trabalhar na Matemática. O 4.º ano vai abrir a prova na 2.ª parte. Vão ler com muita calma e resolver esta	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	parte. Agora vão ter quarenta e cinco minutos apenas mas a segunda parte também é mais pequena. Boa sorte!	
12h30min	Professora R. - Terminou o tempo da prova. Podem fechar as provas e arrumar as canetas que eu vou recolher. O 3.º ano já terminou?	
	Todos - Ainda não professora.	
	Professora R. - Então terminem, por favor.	
	Professora R. - O 4.º ano pode ir à biblioteca da sala escolher um livro para ler aqui em sala. Vai a fila da direita primeiro e depois a fila do meio. Só quero dois alunos de cada vez na biblioteca, sem atropelos.	Os alunos respeitaram as regras e todos escolheram livros. O 4.º ano manteve-se em leitura silenciosa até ao toque da campainha.
	Professora R. - O 3.º ano pode arrumar.	
13h	Professora R. - Podem sair. Bom almoço! Depois do almoço vão ter Estudo do Meio com a professora A.	Ouviu-se a campainha da escola.
	Va. - Que bom! Até logo professora.	
14h30min		Ouviu-se a campainha da escola.
14h45min	Professora A. - Boa tarde a todos!	A professora A. entrou na sala.
	G. - Professora que é isso tão giro que traz na mão.	
	La.- E tão grande.	
	Professora A. - É uma representação do Ciclo da Água, em vez de ser imagem é em 3D. Foram uns alunos cá da escola que o fizeram. Vamos sentando, por favor. O 3.º ano vai ter com a Professora R. aqui ao átrio. Levam a folha do dia, o estojo e o livro de Estudo do Meio.	O 3.º ano saiu da sala.
	Professora A. - An. podes distribuir os livros de Estudo do Meio, por favor.	
	An. - Sim, professora.	A An. distribuiu os livros de Estudo do Meio.
	Professora A. - Queria que relessem primeiro as páginas que nos falam sobre o Ciclo da Água para depois tirarmos dúvidas. Vão ter dez minutos para a leitura.	Os alunos fizeram a leitura de forma silenciosa.
14h55min	Professora A. - Todos terminaram a leitura?	
	Todos - Sim!	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
15h	Professora A. - Então Le. vem aqui a esta maquete do ciclo da água e vamos explicar o que acontece na atmosfera.	
		O Le. levantou-se e foi até junto da maquete que já estava visível para todos.
	Le. - Então a água está nos oceanos e mares, mesmo aqui. Com o sol a água aquece e evapora, deixa de ser líquida e transforma-se em gás.	
	Professora A. - Em gás, tens a certeza?	O Le. usou a maquete para fazer as suas explicações.
	Le. - Ai, não é gás que se diz. Não sei o nome.	
	Professora A. - Vapor de Água.	
	Le. - Isso, o vapor de água sobe e forma as nuvens.	
	Professora A. - Só assim, sobe forma nuvens? O que acontece ao vapor de água?	
	Le. - Junta-se e arrefece e forma as gotas de água.	
	Professora A. - Sim, e depois?	
	Le. - Quando as nuvens ficam pesadas as gotas de água caem em forma de chuva. Se estiver muito frio podem ser neve ou granizo. Depois a chuva cai e volta aos mares e rios.	
	Professora A. - Só aos mares e rios?	
	G. - Não professora, pode infiltrar-se no solo.	
	Professora A. - Muito bem!	
	Professora A. - Há dúvidas?	
	La.- Professora dizemos que é o ciclo da água porque a água nunca para.	
	Professora A. - Sim, a água está sempre em movimento na atmosfera.	
	Professora A. - Bom, então quero que resolvam as perguntas que estão no final do capítulo do Ciclo da Água. Podem sair perguntas muito parecidas com estas na ficha de avaliação. An. para ti tenho aqui uma ficha com outras perguntas. Podes vir buscar?	
	An. - Sim, professora.	A An. levantou-se e foi buscar uma ficha adaptada à sua problemática.
15h30min	Professora A. - Para este exercício vão ter vinte minutos. É muito simples.	A turma realizou as tarefas pedidas.
		A professora A. fez apoio individualizado à An.
16h	Professora A. - Podem arrumar e sair.	Ouviu-se a campainha da escola.

Anexo 5

Grelha de Observação Naturalista

23 de fevereiro de 2015

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
9h		Ouviu-se a campainha da escola.
	Professora R. - Bom dia! Podem todos entrar. O fim de semana foi bom?	
	G.- Foi professora, fui passear ao Porto.	
	Rs. - A minha mãe saiu do hospital, professora.	Professora mostra preocupação com os seus alunos.
	Professora R. - Foi? Está melhor então. Ainda bem.	
	Professora R. - Vamos buscar os dossiês e abrir a folha do dia.	A professora R. escreveu a data no quadro da sala.
	Professora R. - Vamos escrever um texto sobre "o meu fim de semana". Já sabem no mínimo sete linhas e no máximo dez linhas. No final fazem a ilustração de como foi o vosso fim de semana. Trinta minutos como é habitual.	
	Professora R. - Quem é o meu ajudante hoje?	
	Ta. - Sou eu, professora.	
	Professora R. - Ta. recolhe, por favor, as folhas do dia para eu corrigir os textos, e depois distribui os livros de português a todos, se faz favor.	
	La. - Professora, tive Bom no teste de Inglês.	
	Professora R. - É pena vocês saberem mais de Inglês do que de Português.	
	Professora R. - Bom, o 3.º ano lê e faz a cópia do texto "Alvoroço na Biblioteca", página 110. O 4.º ano abre o livro na página 134 e lê o texto, em silêncio.	
9h30min		
	Professora R. - Sim?	Batem à porta.
	Le.- Posso entrar?	
	Professora R. - Só agora? O que é que aconteceu?	
	Le. - Adormeci.	
	Professora R. - Entra lá.	
	Ca. - Professora o que é que quer dizer indagou o nativo?	
	Professora R. - Quer dizer que respondeu.	
	Rp. - Professora no texto diz que as sombras eram deliciosas. Mas nós não conseguimos comer as sombras.	
	Professora R. - Quando está muito calor sabe bem estarmos numa sombra. São boas para nos abrigarmos.	
	Professora R. - Bom, então vamos lá ver todos. Vocês gostavam de viver aqui na ilha do Paraíso?	Trabalho em grande grupo
	Todos - Sim, eu gostava!	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	Professora R. - Depois não tinham cinema, não tinham telemóvel, não tinham Facebook. Ca. - Não! Professora R. - Ai isso é que não, sem Facebook é que não. Va. - Eu prefiro a cidade. Professora R. - Não tinham eletricidade, eles não têm. Le.- Fazem uma fogueira. La. - Coitados! Professora R. - Coitados, porquê? São muito felizes. De dia têm a luz do sol e de noite dormem. Ca. - Eles trabalhavam? Professora R. - Se trabalhavam? Claro! O trabalho é que é diferente. Pescam, caçam e colhem frutos. Ca. - A minha mãe ontem deram-lhe um galo vivo, e agora vai ter que o matar. La. - Que nojo! Professora R. - Silêncio! Fala um de cada vez. Professora R. - Portanto, eu vou explicar. Quando eu nasci havia luz, eu não sou assim tão velha. Havia televisão a cores e telefones. Mas, eu vivia bem sem telemóvel. Aliás, eu vivi numa aldeia muito tempo e só havia dois telefones na aldeia. Para falar pelo telefone não era fácil. E nós éramos muito felizes na mesma. Ca. - Professora não era esquisito não ter telefone? Professora R. - Não, porque nunca tínhamos tido, não estávamos habituados. Hoje em dia já me faz confusão estar sem telemóvel e sem internet. Professora R. - Nesta ilha a vida era muito mais saudável do que a nossa. Ta. - Eu preferia viver aqui porque ia à praia todos os dias. Professora R. - Nesta ilha é possível. Le. - Na primavera há turistas que vão à praia. Professora R. - Sim, mas são turistas de outros países que têm um inverno muito rigoroso. Rp. - Na América o meu padrinho disse que a Internet já é um bem essencial. Professora R. - Em todo o lugar. Para mim também é, eu recebo mails, faço pesquisa e, às vezes, aqui na sala mexo no telemóvel para fazer pesquisas para vocês. Tenho um dicionário de Português no telemóvel.	Todos falam em simultâneo.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	Professora R. - Mas não é essencial porque nós não morremos sem internet. Agora que a vida fica mais facilitada, isso fica. Ca. - Sem internet como é que se faziam pesquisas? Professora R. - Bibliotecas e livros. Depois escreviam-se os trabalhos à mão ou a máquina de escrever. Le. - A minha mãe ainda tem uma máquina dessas. Professora R. - Nesta ilha não há carros. N. - Como é que eles andam? Professora R. - A pé ou de barco. Le. - Professora mas a internet também é má. Professora R. - Sim, nada é seguro. Tudo o que publicamos pode ser visto por qualquer pessoa. Aqueles que percebem muito de computadores podem fazer mal. Ta. - São os piratas informáticos. Professora R. - Sim! Por exemplo, nos Estados Unidos houve uma pessoa que teve acesso a um banco e tirou de cada uma das contas um cêntimo. Roubou pouco a cada pessoa mas no final tinha muito dinheiro. Foi apanhado pela polícia e preso. Ta. - Foi a polícia que descobriu? Professora R. - Sim. A polícia pesquisou e encontrou o ladrão. G. - Professora, qual é o país mais evoluído do mundo em tecnologia? Professora R. - O Japão. G. - Toda a gente no mundo tem acesso à internet? Professora R. - Não, há muita gente que nem tem o que comer quanto mais computador e internet. Há também países como os países árabes que não deixam as pessoas ter acesso a tudo o que se encontra na internet. Só passa aquilo que o Governo quiser e deixar.	
10h	Professora R. - Bom, posto isto podem responder às perguntas sobre o texto a pares, de forma a ajudarem-se uns aos outros.	Colega é ponto de referência Trabalho entre colegas de níveis diferentes.
10h15min	De. - Professora, não consigo resolver duas perguntas. Professora R. - Lê o texto novamente, nada de desistir à primeira.	Promoção de permanência na atividade Incentivo

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
10h20min	Professora R. - Vou lá abaixo à Professora A., não quero ouvir barulho. Todos têm trabalho.	A professora R. saiu da sala e a turma manteve a trabalhar, em silêncio.
10h30min	Va. - Professora, está-me a doer a cabeça. Professora R. - Vem cá! Professora R. - Estás quente. Vai lá abaixo à auxiliar e pede que te meçam a temperatura, se faz favor.	A professora R. voltou à sala de aula. A Va. levantou-se e dirigiu-se à professora. A Va. saiu da sala.
10h40min	Va. - Professora, posso entrar? Professora R. - Sim, então? Tens febre? Va. - A auxiliar diz que estou com 38,5ºC. Já me deu Benurom e telefonou à minha mãe mas ela só me pode vir buscar às 13h. Professora R. - Certo, senta-te então e tenta terminar o teu trabalho.	A Va. sentou-se.
10h55min	Professora R. - Podem arrumar, tirar o lanche e sair.	A turma arrumou materiais, tirou o lanche e saiu para o recreio. Ouviu-se a campainha da escola.
11h		
11h30min		Ouviu-se a campainha da escola.
11h40min	Professora R. - Ca. leva isto à D. F., se faz favor. O resto da turma senta-se e continua a trabalhar. Professora R. -Diz Ve. Ve. - Posso ir buscar um dicionário? Professora R. - Sim! Professora R. - Sim? Alunas - Podemos entrar? Professora R. - Sim, o que desejam? Alunas - Somos distribuídas. Professora R. - Muito bem, entrem e sentem-se. Têm trabalho para fazer?	A professora R. entrou na sala de aula. Ve. pôs o dedo no ar. Batem à porta.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
12h	Alunas - Sim! Professora R. - Muito bem, podem pôr mãos à obra. Professora E. - Bom dia, posso entrar? Professora R. - Claro! Professora E. - Venho trabalhar com a An., pode ser? Professora R. - Claro, se preferirem sentem-se nas mesas de trabalho ao fundo da sala. Professora E. - Obrigado. Professora E. - Vou trabalhar interpretação de texto com a An. pois ela apresenta algumas dificuldades na compreensão e expressão oral. S. - Neste momento que apoio faz à turma? Professora E. - O horário foi reduzido para cada uma das turmas. Neste momento já só faço apoio a esta turma duas horas por semana, em pequeno grupo e fora da sala de aula. Contudo, hoje a turma a quem dou apoio está em passeio e aproveitei para trabalhar isoladamente com a An. que apresenta muitas dificuldades. Professora E. - Vamos começar por ler um texto, pode ser An.? An. - Sim, professora. Professora E. - Vais ler em voz alta para eu escutar. An. - Uma aventura na Serra da Estrela. Dentro da carrinha o ambiente era de grande euforia. Falavam todos ao mesmo tempo, riam, cantavam em coro. Os cães participavam como se também eles tivessem a sensação de realizar um velho sonho: ir à Serra da Estrela e ver a neve! Está tudo tal e qual como eu tinha imaginado. Repetiram as gémeas pela milionésima vez. O condutor sorriu-lhes através do espelho. Era um homem de meia-idade, simpático e bonacheirão. Adorava receber pessoas que não conhecessem a serra para poder deslumbrá-las não só com a beleza da paisagem mas também com histórias mirabolantes. O dono da Quinta de S. Francisco pedira-lhe que trouxesse da estação o sobrinho e alguns amigos que vinham de férias. Aceitara da melhor vontade, pois, tratando-se de gente nova, calculava que reagissem de forma entusiasta aos encantos da região. Assim era. Mas ainda não conseguira contar-lhes coisa alguma	A turma manteve-se em silêncio a trabalhar. A professora R. foi circulando pela sala esclarecendo dúvidas aos alunos. Apoio individualizado A professora E. e a An. sentaram-se ao fundo da sala. Centrei as minhas observações neste apoio individualizado.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
12h15min 12h30min	porque não se calavam. Pouco disposto a contentar-se com o papel de motorista, resolveu surpreendê-los. Deu uma guinada brusca, saiu da estrada e enveredou por um caminho secundário coberto de neve, onde só se podia avançar com segurança mantendo as rodas nuns trilhos quase apagados. Professora E. - Muito bem! Agora vou eu ler, pode ser? An. - Sim! Professora E. - Uma aventura na Serra da Estrela. Dentro da carrinha o ambiente era de grande euforia. Falavam todos ao mesmo tempo, riam, cantavam em coro. Os cães participavam como se também eles tivessem a sensação de realizar um velho sonho: ir à Serra da Estrela e ver a neve! Está tudo tal e qual como eu tinha imaginado. Repetiram as gémeas pela milionésima vez. O condutor sorriu-lhes através do espelho. Era um homem de meia-idade, simpático e bonacheirão. Adorava receber pessoas que não conhecessem a serra para poder deslumbrá-las não só com a beleza da paisagem mas também com histórias mirabolantes. O dono da Quinta de S. Francisco pedira-lhe que trouxesse da estação o sobrinho e alguns amigos que vinham de férias. Aceitara da melhor vontade, pois, tratando-se de gente nova, calculava que reagissem de forma entusiasta aos encantos da região. Assim era. Mas ainda não conseguira contar-lhes coisa alguma porque não se calavam. Pouco disposto a contentar-se com o papel de motorista, resolveu surpreendê-los. Deu uma guinada brusca, saiu da estrada e enveredou por um caminho secundário coberto de neve, onde só se podia avançar com segurança mantendo as rodas nuns trilhos quase apagados. Professora E. - Muito bem, vamos olhar para o texto. Quem eram os ocupantes da carrinha? An. - Ocupantes? Professora E. - Sim, quem ia dentro da carrinha? An. - Ia o sobrinho do dono da Quinta de S. Francisco, as gémeas, o condutor da carrinha e os cães. Professora E. - Como tinham chegado até ali e para onde iam? An. - Chegaram de comboio e iam para a Quinta de S. Francisco de carrinha. Professora E. - Como manifestaram euforia? An. - O que é euforia?	A professora E. fez a leitura dando entoação ao que estava a ler.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	Professora E. - Euforia é quando estamos muito alegres com alguma coisa. As gémeas e os amigos estavam muito alegres por estar na Serra da Estrela, como é que se sabe isso? An. - Ah, estavam sempre a falar todos ao mesmo tempo e não se calavam. Professora E. - Muito bem. O condutor ia satisfeito? An. - Não, porque não o deixavam contar coisas da serra. Professora E. - Sim, porque ele não podia contar as histórias e segredos sobre a Serra. Professora E. - Bom, agora quero que faças a cópia do texto para a tua folha do dia. Tudo em cima das linhas, certo?	
12h40min	An. - Sim, professora.	A professora E. observou a An. a realizar a cópia e tirou notas no seu caderno.
13h	Professora R. - Podem sair. Bom almoço!	Ouviu-se a campainha da escola.
14h30min	Professora A. - Boa tarde! A professora R. não vai estar convosco à tarde, serei eu a ficar em sala. Podem arrumar os dossiês e deixar só o estojo em cima das mesas.	Ouviu-se a campainha da escola. A professora A. entrou na sala. Os alunos arrumaram os dossiês na estante da sala.
	Professora A. - Vou distribuir-vos uma ficha de resolução de problemas que devem fazer até à hora da saída. A ficha é grande mas não se assustem, serve de treino para os exames. Façam com calma e atenção e sempre que tiverem dúvidas levantem o braço.	A turma manteve-se em silêncio. A professora A. foi circulando pela sala tirando dúvidas individualmente aos alunos.
16h	Professora A. - Podem arrumar. Deixem as vossas fichas em cima da mesa da professora R., tirem o lanche e podem sair.	Ouviu-se a campainha da escola.

Anexo 6

Grelha de Observação Naturalista

24 de fevereiro de 2015

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
9h		Ouviu-se a campainha da escola.
		A professora entrou na sala com os alunos.
	Professora R. - Bom dia! Podem entrar na sala, se faz favor.	
	Professora R. - Quero todos em silêncio pois hoje vamos fazer treino para o exame de português. O 3.º ano tem já trabalho em cima da mesa, podem começar. O 4.º ano deixa só caneta e lápis em cima das mesas. A Ni. distribui os livros de preparação para as provas. Vão fazer a prova n.º 2. Já sabem que têm de ler com calma, e responder nos locais certos. Se responderem fora dos locais certos as respostas é como se não existissem. Vamos ter uma hora e meia para a primeira parte da prova. Às 10h30 termina a parte 1. Podem começar.	Os alunos mantiveram-se a trabalhar em silêncio.
10h30min	Professora R. -Terminou a 1.ª parte da prova. Podem fechar as provas e arrumar as canetas.	
	Professora R. - Podem lanchar já, aqui dentro da sala.	A professora colocou música de forma a ajudar os alunos a acalmar.
	Le. - Professora, pode pôr música no computador para nós ouvirmos?	
	Professora R. - Posso! Vamos lá relaxar depois da prova.	
10h55min	Professora R. - Podem sair e ir brincar.	
11h		Ouviu-se a campainha da escola.
11h30min		Ouviu-se a campainha da escola.
	Professora A. - Bom dia!	
	Va. - Professora, vamos ter Estudo do Meio?	
	Professora A. - Sim, esqueceram-se que vamos fazer pesquisas em grupo sobre os planetas?	
	Va. - Pensei que íamos continuar a preparação para os exames.	
	Professora A. - Não, só depois do almoço.	
	Professora A. - Bom, sentem-se por grupos de trabalho e reúnam o material todo de pesquisa que trouxeram.	
	Rs. - Professora está tudo aqui.	
	Professora A. - Ok! Então senta-te com o teu grupo. Vou distribuir uma cartolina a cada grupo. Devem pensar que informação vão colocar na cartolina e que imagens sobre os planetas que pesquisaram.	
	Rp.- Podemos fazer desenhos em vez de só colar imagens.	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	Professora A. - Claro! Têm até à hora do almoço para fazerem o cartaz. Usem a vossa criatividade.	A professora A. esteve 10 minutos com cada um dos grupos dando orientações para os seus trabalhos.
13h	Professora A. - Podem deixar os cartazes em cima das mesas. Podem sair, bom almoço.	Ouviu-se a campainha da escola.
14h30min		Ouviu-se a campainha da escola.
	Professora R. - Podem entrar. O 3.º ano continua o trabalho de hoje de manhã. O 4.º ano vai ter 45 minutos para realizar a segunda parte da prova de hoje. São 14h40 por isso têm até às 15h30 para resolver a parte 2.	A professora sentou-se a corrigir trabalhos dos alunos. A turma trabalhou autonomamente.
15h30min	Professora R. - Podem fechar as provas pois vou recolhê-las. Arrumem os vossos materiais. O 3.º ano também pode arrumar tudo.	
	Professora R. - Trouxe um episódio de um desenho animado para vocês verem.	A professora ligou o computador e o projetor.
		A professora deu início à projeção.
16h	Professora R. - Podem tirar o lanche e sair. Até amanhã.	Ouviu-se a campainha da escola.

Anexo 7

Grelha de Observação Naturalista

25 de fevereiro de 2015

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
9h		Ouviu-se a campainha da escola.
	Professora R. - Bom dia a todos! Preciso falar uma coisa com vocês hoje. Na próxima semana vamos ter inspeção cá na escola. Se vierem à nossa sala vocês só têm que responder às perguntas que vos fizerem, mais nada. Ca. - Que perguntas nos vão fazer? Professora R. - Não sei ao certo mas pode ser sobre as perguntas que vocês responderam no questionário, pode ser sobre o almoço, se a professora é boa. Ca. - A sala da professora Ce. teve tantos passeios o ano passado...e nós não! Professora R. - Bom, não tenham respostas patetas. Respondam a vossa opinião.	A professora R. e os alunos entraram na sala.
	Professora R. - Tenho mais coisas para vos dizer hoje. Posso-vos dizer a matéria dos testes. Querem? Todos - Sim! Professora R. - Bom, então abram o caderno de casa e copiem o que eu vou escrever no quadro. O 3.º ano também copia o que eu escrever para vocês.	A professora dividiu o quadro da sala em duas partes e escreveu a matéria dos testes de português e matemática de ambos os anos.
9h30min	Professora R. - Hoje vão todos abrir as gramáticas e resolver os exercícios das páginas 34 à 54. Têm uma hora para este trabalho. São todos exercícios de preparação para o teste.	
		A turma permaneceu em silêncio. A professora R. tirou dúvidas aos alunos individualmente
10h30min	Professora R. - Já todos terminaram? La. - Ainda não! Rs. - Acabei agora. Professora R. - Podes ir à cesta de tarefas e escolher uma tarefa para fazeres. Rs. - Professora escolhi um exercício de escrita criativa. Professora R. - Ótimo! Bom trabalho.	À medida que os alunos terminavam a professora dava indicação para que escolhessem uma tarefa da cesta de tarefas. Planificação para os mais rápidos.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
11h		Ouviu-se a campainha da escola.
	Professora R. - Podem levar o lanche e sair para o recreio.	
11h30min		Ouviu-se a campainha da escola.
	Professora R. - Podem entrar na sala. Preparem os livros da Biblioteca da escola, que têm requisitados pois a professora R. está à vossa espera, lá em baixo, na Biblioteca.	
		Os alunos pegaram nos livros e organizaram fila. Depois seguiram sozinhos até à Biblioteca.
12h		Os alunos regressaram da Biblioteca.
	Professora R. - O 3.º ano vai ter com a Professora C. à sala e vão assistir à apresentação que os vossos colegas vão fazer sobre os distritos de Portugal e suas tradições.	Os alunos do 3.º ano saíram da sala.
	Professora R. - O 4.º ano vai fazer um exercício sobre frações. Cada um vai buscar uma folha colorida à estante e cortem em cinco tiras de tamanho igual. Depois, vão encontrar várias formas de dividir essas tiras de papel e transformar em fração. Cada um faz o seu registo mas podem pedir ajuda ao colega do lado.	Ajuda a alunos com diferentes níveis
12h30min	Professora R. - Alguém quer mostrar o trabalho que fez? Rs. - Nós queremos professora. Professora R. - Muito bem, Rs e De. De. - Nós a primeira tira é uma unidade, depois a segunda tira dividimos em duas partes e temos um meio de cada lado. Rs. - Depois dividimos a terceira tira em quatro partes iguais e temos quatro quartos. A seguir conseguimos dividir a tira em oito partes iguais e temos oito oitavos. De. - A última foi mais difícil mas conseguimos dividir em quinze partes. Rs. - Não, foram dezasseis partes iguais. De. - Isso! E temos dezasseis partes iguais que são dezasseis avos. Professora R. - Muito bem. Mais alguém quer mostrar o que fez? G. - Sim, nós! Professora R. - Muito bem G. e Tc.	

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
	G. - Nós a primeira tira também não dividimos, é a nossa unidade. Depois, dividimos a segunda tira em três partes iguais, ou seja três terços. A seguir dividimos em seis partes iguais e tivemos seis sextos. Tc. - Depois dividimos em doze partes iguais e temos doze, doze avos. E a última foi mais difícil e dividimos em vinte e quatro partes. Temos vinte e quatro, vinte e quatro avos. Professora R. - Muito bem!	
13h	Professora R. - Podem sair. Bom almoço!	Ouviu-se a campainha da escola.
14h30min	Professora R. - Boa tarde! Vamos entrar. Professora R. - Arrumem todo o material e deixem as mesas livres. Vamos fazer pintura. G.- Professora cheira a canela aqui na sala. Professora R. - Pois é, hoje vamos usar algumas especiarias para pintar. Vamos usar a canela, o caril, e a salsa. Vou misturar a canela em pó, o caril em pó e a salsa moída com cola branca. Uma especiaria em cada copo. Professora R. - Estão a ver? A cola deixa de ficar branca e ganha a cor castanha da canela, o amarelo do caril e o verde da salsa. Professora R. - Le. distribui uma folha a cada colega, se faz favor. Vou pôr em casa mesa três copos, um com a mistura com canela, outro com caril, e o outro com a salsa. Cada um dos copos tem um pincel por isso tenham cuidado e não misturem as especiarias. Podem fazer desenho livre usando estas três cores. Va. - Professora cheira muito aqui na sala. Professora R. - Cheira a quê Va.? Va. - Acho que é do caril, é muito forte. G. - Professora, depois de seca a cola o desenho continua a cheirar? Professora R. - Sim, é essa a ideia.	Ouviu-se a campainha da escola. A professora fez a mistura e mostrou aos alunos. Os alunos foram criando os seus desenhos com a supervisão da professora R. que circulou pela sala de aula.
15h45min	Professora R. - Podem arrumar todos os materiais e deixar os trabalhos a secar, em cima das mesas.	
16h	Professora R. - Podem sair, até amanhã.	Ouviu-se a campainha da escola.

Anexo 8

Grelha de Observação Naturalista

26 de fevereiro de 2015

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
9h		Ouviu-se a campainha da escola. Os alunos entraram na sala antes da professora.
9h15min	Professora R. - Bom dia, desculpem o atraso mas a mãe do G. quis falar agora comigo. Podem ir buscar os dossiês e abrir a folha do dia. Professora R. - Le. podes distribuir os livros de matemática aos teus colegas. O 3.º ano vai fazer revisão das contas de dividir no quadro. Professora R. - Pode vir a Ve., o Ja. e o Lm ao quadro. Os outros resolvem no caderno. Professora R. - O 4.º ano vai fazer os exercícios das páginas 100, 101 e 102. Professora R. - Já está Lm? Lm. - Sim, então oitenta e seis mil, setecentos e cinquenta e três a dividir por oito. Ora está certa. Professora R. - Já está? Ja. - Sim! Professora R. - Mas pensa lá outra vez a conta. Está errada logo de início. Podes pôr quatro coisas dentro de oito? Ja. - Não! Professora R. - Faz lá novamente. Professora R. - Ve., a tua está certa. Professora R. - Ja. agora está certa, a tua.	A professora escreveu a data no quadro da sala. A professora passou três contas de dividir no quadro. A professora fez as contas mentalmente.
9h30min	Professora R. - Vou passar mais contas aqui no quadro e quero que façam na folha do dia. Vou depois chamar um a um para virem ao pé de mim.	Apoio individualizado com duração de 15 minutos para cada aluno.
10h45min	Professora R. - Podem todos arrumar e lanchar.	Os alunos arrumaram os materiais e lancharam na sala.
11h		Ouviu-se a campainha da escola.
11h30min	Professora A. - Bom dia, vão entrando e sentando. De. - Professora, vamos ver um filme? Professora A. - Sim, vamos ver um filme sobre o universo.	Ouviu-se a campainha da escola. A professora R. saiu da sala com os alunos do 3.º ano.

Hora	Descrição, Situações e comportamentos	Notas complementares e Inferências
13h	Peço que estejam atentos e em silêncio.	A projeção do filme só terminou com o toque de saída para o almoço. O filme mostrou como a nossa galáxia se formou e as especificidades de cada planeta do sistema solar.
14h30min	Professora R. - Boa tarde! Vamos todos tirar a folha do dia de Português. La.- Professora vimos um filme muito giro sobre o universo. Professora R. - Já sei! Professora R. - Agora vamos fazer um exercício em conjunto. Vamos escrever todos um texto. Vamos tirando personagens e espaços em conjunto mas cada um escreve o seu texto. Vou pedir à B. que venha aqui escolher como a história vai começar.	Ouviu-se a campainha da escola. A B. levantou-se e escolheu um cartão sem saber o que nele estava escrito.
	Professora R. - Muito bem. A história começa com "No tempo em que as galinhas tinham dentes". Todos escrevem esta frase para começar a história. Agora vou pedir à Ni. que venha escolher duas personagens. Professora R. - A Ni. escolheu um cavaleiro e um monstro com três cabeças. Professora R. - Agora eu vou escolher dois locais para a vossa história acontecer. Professora R. - Muito bem, vamos ter um planeta distante e um deserto. Professora R. - E vamos ter que salvar o mundo. Podem começar a escrever.	A Ni. levantou-se e escolheu dois cartões sem saber o que neles estava escrito. A professora R. levantou-se e escolheu dois cartões sem saber o que neles estava escrito. A professora escreveu no quadro as personagens, os espaços e a ação da história, assim como o tempo para a atividade, 45 minutos.
15h15min 16h	Professora R. - Quem terminar a história pode fazer a sua ilustração em formato Banda Desenhada. Professora R. - Podem sair. Até amanhã.	Os alunos terminaram as suas tarefas perto do toque de saída.

Anexo 9

Guião da Entrevista

Blocos	Objetivos	Guia de Questões	Observações
Bloco A Legitimação da Entrevista	• Elucidar os professores de 1.º Ciclo acerca do estudo em curso; • Obter concordância dos professores para participação no estudo; • Garantir confidencialidade da informação prestada; • Obter permissão para registo áudio da entrevista; • Dados de caraterização dos professores.	**1.** Qual a sua formação académica? **2.** Em que instituição se formou? **3.** Há quanto tempo é que leciona?	Salientar a importância do estudo em curso.
Bloco B Impressões gerais sobre Diferenciação Pedagógica	• Conhecer as representações que os professores de 1.º Ciclo têm acerca da Diferenciação Pedagógica.	**4.** Tem formação especializada na área da Educação Especial? **5.** Acha que a escola portuguesa atual é inclusiva? Em que medida? **6.** Acha que a sua formação académica o capacita para trabalhar de forma inclusiva? **7.** O que é para si Diferenciação Pedagógica? **8.** Quais as vantagens e desvantagens de ter alunos com Necessidades Educativas Especiais no ensino regular?	Ressalvar a importância da opinião dos professores de 1.º Ciclo sobre Diferenciação Pedagógica.
Bloco C Estratégias de Diferenciação Pedagógica usadas pelos professores de 1.º Ciclo	• Conhecer as estratégias de Diferenciação Pedagógica usadas pelos professores de 1.º Ciclo.	**9.** De que forma é que considera que o seu trabalho como docente vai ao encontro da Diferenciação Pedagógica? **10.** De que forma organiza os alunos na sala de aula? **11.** Que tipo de materiais prepara para os seus alunos? **12.** De que forma prepara os conteúdos a lecionar?	Salientar a importância do trabalho concreto que os professores realizam com os seus alunos, e das estratégias que utilizam. Deixar espaço para que o professor acrescente mais alguma coisa relevante.

Anexo 10

Entrevista à professora cooperante

1. **Qual a sua formação académica?**
   Sou licenciada no que era o antigo curso de Professores de 1.º Ciclo que hoje em dia já não existe.

2. **Em que instituição se formou?**
   Formei-me no Instituto Piaget, em Almada.

3. **Há quanto leciona?**
   Já dou aulas há 17 anos.

4. **Tem formação especializada na área da educação especial?**
   Sim, fiz uma pós-graduação em Educação Especial também no Instituto Piaget.

5. **Acha que a Escola Portuguesa atual é inclusiva? Em que medida?**
   Sim, considero que a escola portuguesa está cada vez mais inclusiva mas acho que há poucas condições para realmente incluir todos os alunos. Nem todos os professores estão predisposto e abertos para esta questão, ainda há muitos colegas que não se identificam com a escola inclusiva pois dá trabalho. Penso que também há pouca informação em relação ao que é a escola inclusiva o que leva muitos professores a não saberem como fazer na sua sala, com os seus alunos.

6. **Acha que a sua formação académica o capacita para trabalhar de forma inclusiva?**
   Sim, a minha formação académica capacita-me para trabalhar de forma inclusiva apesar de ter poucos recursos disponíveis e poucas condições para que isso aconteça. Mas penso que neste campo os professores não podem dar como garantido aquilo que sabem e devem sempre ir em busca de mais formação e informação. Tento, tanto quanto posso, ler mais sobre estas temáticas e participar em formações.

7. **O que é para si Diferenciação Pedagógica?**
   Para mim a Diferenciação Pedagógica centra-se em desenvolver atividades de acordo com as capacidades dos alunos e com as suas problemáticas. Exige de mim que esteja sempre, em todos os momentos, atenta aos meus alunos de forma a poder proporcionar-lhes uma aprendizagem de acordo com as suas caraterísticas.

8. **Quais as vantagens e desvantagens de ter alunos com Necessidades Educativas Especiais no ensino regular?**
   Os outros alunos convivem com meninos diferentes e aprendem a dar mais valor a estes meninos. É uma enorme vantagem pois na vida em sociedade temos de lidar com todo o tipo de pessoas e isso incentiva os alunos para a sua vida futura. Os alunos com Necessidades Educativas Especiais vivem uma experiência de aceitação e não de exclusão da vida social e da vida académica.
   As desvantagens penso que recaem talvez no professor pois ele tem de gerir cada uma das crianças da sua sala de acordo com as suas capacidades. Implica uma planificação estruturada, encontrar mais estratégias para chegar a todos.

9. **De que forma é que considera que o seu trabalho como docente vai ao encontro da Diferenciação Pedagógica?**
   Penso que ao dar trabalho diferenciado a estes alunos e dando mais valor ao que são capazes de fazer consigo ir ao encontro do que é a diferenciação pedagógica.

10. **De que forma organiza os alunos na sala de aula?**
Neste momento divido os alunos na sala de aula em 3.º e 4.º anos de escolaridade. Os alunos de 3.º ano ocupam uma fila e os alunos do 4.º ano ocupam duas filas de mesas. Esta é uma organização logística para tornar mais fácil o trabalho pois trabalho estes dois anos de escolaridade em separado. Depois, tento misturar ao máximo os alunos com mais capacidades com os que têm menos capacidades para que se ajudem mutuamente. Tenho dois alunos com problemas de visão e que por esse motivo se sentam nos lugares da frente. Muitas vezes também organizo os alunos em grupos de trabalho diferentes de forma a permitir que todos tenham oportunidade de trabalhar com todos os colegas. Tento sempre ao máximo sentar-me junto dos alunos com mais dificuldades e fazer algum apoio individualizado.

11. **Que tipo de materiais prepara para os seus alunos?**
Preparo materiais de acordo com a sua problemática, mas sempre materiais que sejam práticos, que fiquem visíveis, e que sejam úteis. Preparo trabalhos escritos e fichas de avaliação diferenciadas para os alunos com Necessidades Educativas Especiais, de acordo com as suas problemáticas e necessidades.

12. **De que forma prepara os conteúdos a lecionar?**
Os conteúdos preparo através de materiais práticos de forma a que os alunos visualizem e percebam de uma forma lúdica.

Gostava só de acrescentar que a turma que tenho em mãos neste momento é uma turma com quatro crianças com Necessidades Educativas Especiais. Para além destas crianças a turma no geral é fraca, a maioria dos alunos são repetentes e apresentam alguns défices cognitivos. Apesar de tudo isso o grupo trabalha muitas vezes em pequenos grupos, em pesquisas individuais.

Anexo 11

Entrevista à professora da Educação Especial

1. **Qual a sua formação académica?**
   Sou licenciada, curso de Professores de 1.º Ciclo.

2. **Em que instituição se formou?**
   Formei-me na Escola Superior de Educação de Lisboa.

3. **Há quanto leciona?**
   Leciono há 33 anos.

4. **Tem formação especializada na área da educação especial?**
   Sim, fiz Mestrado em Educação Especial também na Escola Superior de Educação de Lisboa.

5. **Acha que a Escola Portuguesa atual é inclusiva? Em que medida?**
   Acho que sim, na melhor integração que é feita às crianças com Necessidades Educativas Especiais no contexto de sala de aula, e com os pares.

6. **Acha que a sua formação académica o capacita para trabalhar de forma inclusiva?**
   Penso que sim, a formação inicial como professora tem muita influência. E posteriormente a formação em Educação Especial ajudou-me muito a trabalha de forma inclusiva apesar de ser algo mais recente do que a minha formação me ensinou.

7. **O que é para si Diferenciação Pedagógica?**
   A Diferenciação Pedagógica, para mim, é desenvolver competências específicas de acordo com o perfil de funcionalidade do aluno. Para isso é preciso avaliar o aluno e encontrar estratégias que sejam adequadas.

8. **Quais as vantagens e desvantagens de ter alunos com Necessidades Educativas Especiais no ensino regular?**
   Acho que as vantagens passam pela aceitação por parte dos pares, aprender por imitação e adquirir mais competências se o professor tiver sensibilidade por crianças com Necessidades Educativas Especiais. A desvantagem é o aluno estar numa turma com muitos alunos o que não permite dar a atenção devida.

9. **De que forma é que considera que o seu trabalho como docente vai ao encontro da Diferenciação Pedagógica?**
   Penso que na avaliação especializada e no trabalho individual ou em pequeno grupo, conhecer os pontos fracos do aluno e trabalhar essas competências com materiais adequados.

10. **De que forma organiza os alunos na sala de aula?**
    Organizo-os de forma individual por tempos de quarenta e cinco minutos ou a pares se as atividades se adaptarem aos diferentes alunos.

11. **Que tipo de materiais prepara para os seus alunos?**
    Depende da problemática. No entanto, tem que ser sempre material elaborado pelo professor.

12. **De que forma prepara os conteúdos a lecionar?**
    Os conteúdos são selecionados de acordo com a atividade a realizar e a dificuldade dos alunos, planificados diariamente.

Anexo 12

Dicionário de Categorias

(Sub)Categorias	Definição	Exemplos de UR
1) Estratégias de Diferenciação Pedagógica		
1.1) Materiais adequados	Materiais pensados e elaborados de acordo com as caraterísticas dos alunos a que se destinam.	preparo materiais de acordo com a sua problemática. [entrevista1_linha24]
1.2) Respeito pela individualidade	Consideração pelas caraterísticas de cada um dos alunos.	A Diferenciação Pedagógica, para mim, é desenvolver competências específicas de acordo com o perfil de funcionalidade do aluno. [ent2_l15]
1.3) Organização da sala	Forma como os professores organizam os seus alunos dentro da sala de aula.	Neste momento divido os alunos na sala de aula em 3.º e 4.º anos de escolaridade. [ent1_l22]
2) Caraterização dos entrevistados		
2.1) Experiência académica	Conhecimentos adquiridos na área do Ensino como estudante.	Licenciada no que era o antigo curso de professores de 1.º Ciclo. [ent1_l3]
2.2) Experiência profissional	Conhecimentos adquiridos ao longo da prática profissional.	Já dou aulas há 17 anos. [ent1_l7]
3) Dificuldades sentidas pelos professores		
3.1) Falta de informação	Ausência de informação adequada sobre inclusão.	Há pouca informação em relação ao que é a escola inclusiva. [ent1_l11]
3.2) Falta de condições	Ausência de recursos.	Há poucas condições para realmente incluir os alunos. [ent1_l11]
3.3) Acréscimo de trabalho	Excesso de trabalho para os docentes.	Pois ele tem de gerir cada uma das crianças da sua sala de acordo com as suas capacidade. [ent1_l18]
4) Vantagens atribuídas à inclusão		
4.1) Estimular aprendizagens	Incentivo às crianças com Necessidades Educativas Especiais.	conhecer os pontos fracos do aluno e trabalhar essas competências. [ent2_l30]
4.2) Promover competências sociais	Ajuda aos alunos para obtenção de maior autonomia.	aceitação por parte dos pares. [ent2_l18]